



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE ARTES
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - EDUCOMUNICAÇÃO**

LUANA NUNES DE SOUZA SILVA

**FÓRMULA 1 E COMUNICAÇÃO CRÍTICA: O ATIVISMO DO PILOTO LEWIS
HAMILTON DENTRO E FORA DAS PISTAS**

Campina Grande – Paraíba
Setembro 2025

LUANA NUNES DE SOUZA SILVA

**FÓRMULA 1 E COMUNICAÇÃO CRÍTICA: O ATIVISMO DO PILOTO LEWIS
HAMILTON DENTRO E FORA DAS PISTAS**

Monografia apresentada como *Trabalho de Conclusão de Curso* de graduação no Bacharelado em Comunicação Social - Educomunicação, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social.

Orientadora

Maria Eduarda Cavalcanti Rosa, doutora

Campina Grande - Paraíba
Setembro 2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

S586f

Silva, Luana Nunes de Souza.

Fórmula 1 e comunicação crítica: o ativismo do piloto Lewis Hamilton dentro e fora das pistas / Luana Nunes de Souza Silva. – 2025.
74 f. : il. color.

Monografia (bacharelado em Comunicação Social - Educomunicação) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

“Orientação: Profa. Dra. Maria Eduarda Cavalcanti Rosa”.

Referências.

1. Educomunicação. 2. Ativismo Midiático. 3. Hamilton, Lewis 1985-. 4. Racismo Estrutural. 5. Semiótica. I. Rosa, Maria Eduarda Cavalcanti. II. Título.

UFCG/BC

CDU 316.77:37(04)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

LUANA NUNES DE SOUZA SILVA

FÓRMULA 1 E COMUNICAÇÃO CRÍTICA: O ATIVISMO DO PILOTO LEWIS HAMILTON DENTRO E FORA DAS PISTAS

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de graduação no Bacharelado em Comunicação Social - Educomunicação, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social.

Apresentado em 29 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Maria Eduarda Cavalcanti Rosa, doutora
Orientadora – UAAM /CH / UFCG

Manassés Morais Xavier, doutor
Membro – UAL /CH / UFCG

Assis Souza de Moura, doutor
Membro – UAAM /CH / UFCG

Campina Grande - Paraíba
Setembro 2025

A todos meus **familiares** e **amigos** que sempre acreditaram na minha força de vontade de viver e me transformar em um ser humano melhor.

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse colocar tudo o que vivi ao longo desses quase 4 anos na UFCG, eu teria que escrever um livro. Para essa história chegar ao fim, eu precisei passar por situações tão difíceis que me fizeram pensar em desistir. Mas, eu estou aqui, escrevendo meus agradecimentos para pessoas tão importantes que sempre estarão em meu coração. Vamos lá?

Agradeço primeiramente a **Deus** e ao **Universo** por me guiarem apesar de todas noites mal dormidas, viagens cansativas entre Campina Grande e Serra Redonda, pessoas más que cruzaram meu caminho, situações inimagináveis que eu pensei que não iria dar conta; mas olha só, EU CONSEGUI!

Agradeço a **mim mesma** por apesar de todas as dificuldades não ter desistido do meu sonho em ser graduada em uma Universidade Federal, por ter colocado meu coração na minha graduação e profissão. Quem realmente conhece o meu coração sabe que eu AMO absurdamente o mundo e quero vivê-lo ao máximo.

Agradeço a minha família - **Lucimar (mainha), Genildo (painha), Giovana e Marina (irmãs), Tia Dudu, minha avó (Irene)** - por não terem deixado me faltar nada durante toda a minha vida e por primeiro me ensinarem o que é ter consciência de classe e política. Tudo o que sou devo a vocês e a todos da família Nunes e Ferreira que foram responsáveis por tornar minha vida melhor e feliz. Agradeço em especial a **Tia Genilda**, que me deixou a poucos dias e foi morar nos reinos do Pai, sinto sua falta tia; sei o quanto você estaria feliz me vendo concluir meu sonho e o quanto você tem orgulho de mim.

Agradeço ao meu namorado **Renato**, obrigada por todo colo, carinho e afeto; e principalmente por chegar em minha vida e me mostrar o que é amor de verdade e como eu sou fácil de ser amada. Eu amo você, meu amor. Obrigada por tudo!

Agradeço aos meus amigos de Serra Redonda: **Estefane, Matheus, Lilian, Jordania, Beatriz, Kleberson, Viviane, Ana Mizaelly**; por me acompanharem em grande parte da minha vida e sempre me apoiarem em todos meus sonhos, além de todos os conselhos na praça de Serra, vocês são irmãos que a vida me deu. Os amo, de todo meu coração.

Agradeço aos meus amigos que fiz na UFCG: **Ketilyn, Lucas, Wanderson, Joel, Manuel, Barbara e Fernando**. Obrigada por todos que passaram e ficaram na

minha vida, vocês foram essenciais para essa trajetória chegar até o fim. Os amo muito.

Agradeço também a minhas amigas **Karla, Edilania, Beatriz** (novamente) e **Ketilyn** (novamente) por serem colo e abrigo enquanto o mundo queria me engolir. Nunca vou me esquecer dos conselhos, medos, felicidades e amor compartilhados com vocês. Amo vocês, minhas amigas/irmãs.

A todos **amigos** que me fizeram acreditar em mim mesma durante crises de choro, goles de cerveja, lanches na UF e nas demais fases da vida, meu MUITO OBRIGADA.

Agradeço aos meus **Professores de Comunicação Social** - Assis, Graça, Rosildo, Diogo, Lígia - por me fazerem crescer como pessoa e profissional. Mas também agradeço a **Manassés** - que pertence a docência de línguas português -, o qual me ajudou em tantos momentos difíceis da graduação.

Agradeço a **banca** deste TCC e a minha orientadora **Eduarda (Duda)** por todo carinho, companheirismo e respeito durante esse momento tão difícil (que foi a construção desse TCC em um momento difícil da minha vida). Que Deus os abençoe sempre.

Sem mais delongas, gostaria de dizer para **você**, que está lendo minha monografia: **Viva a vida da forma mais plena possível e realize seus sonhos. Porque quando nossos olhos fecharem para sempre, tudo o que ficará, é o amor que cultivamos uns com os outros e as histórias que vivemos.**

“No mundo de hoje, você apenas não ser racista não é suficiente: você tem que ser antirracista. Se você vê acontecer, tem que falar, tem que contar, tem que não deixar acontecer”.

Lewis Hamilton

“Seja você quem for, seja qual for a posição social que você tenha na vida, a mais alta ou a mais baixa, tenha sempre como meta muita força, muita determinação e sempre faça tudo com muito amor e com muita fé em Deus, que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá”.

Ayrton Senna

RESUMO

A persistência do racismo estrutural na sociedade capitalista global configura um desafio complexo, manifestando-se mesmo após séculos de lutas pela abolição da escravidão e pela conquista da cidadania plena pela população negra. Neste contexto, torna-se imperativo não apenas discursar sobre o antirracismo, mas efetivamente praticá-lo, investigando as motivações das classes dominantes para resistir ao diálogo sobre diversidade em ambientes sociais. A Fórmula 1, esporte globalizado e historicamente elitizado, caracterizado pela hegemonia branca em seus 74 anos de existência, emerge como lente privilegiada para esta análise, com *Lewis Hamilton* surgindo como singular agente de transformação neste cenário. Este trabalho investiga a comunicação ativista de *Lewis Hamilton* na Fórmula 1 como prática educacional de enfrentamento ao racismo estrutural e à elitização do esporte, analisando como seus atos simbólicos e performance midiática promovem debates sociais em um ambiente tradicionalmente conservador. A metodologia adotada consiste na análise semiótica de seis imagens midiáticas de *Hamilton* em Grandes Prêmios realizados entre 2020 e 2021, utilizando o quadro teórico-conceitual da semiótica geral de Peirce (1839-1914) para decifrar os mecanismos de significação visual e da semiótica discursiva e modelo actancial de Greimas (1917-1992) para compreender as estruturas narrativas de enfrentamento e solidariedade presentes em suas manifestações. A pesquisa ancora-se teoricamente nos estudos de Educação através da ótica de Soares (2011), Miguel (2017); Almeida (2023) e Oliveira (2024), que compreendem a interface entre educação e comunicação como instrumento de transformação sociopolítica, e nos fundamentos do antirracismo pela abordagem de Bento (2022), Ribeiro (2019) e Hooks (2019), que fornecem o fundamento crítico para análise do racismo estrutural no esporte. O objetivo da pesquisa é demonstrar como a práxis comunicativa de *Hamilton* opera uma ressignificação do espaço midiático-esportivo, transformando-o em plataforma para educação crítica e disputa de sentidos. A análise revela que *Hamilton* emprega um repertório semiótico preciso, incluindo gestos, vestimentas e símbolos que funcionam como vetores de uma narrativa contra-hegemônica. Através dessa perspectiva teórica, identifica *Hamilton* como sujeito atuante cujo objeto de valor é a justiça social, confrontando oponentes institucionais e culturais, com o apoio de adjuvantes. Por fim, o trabalho busca demonstrar como sua atuação configura uma prática educacional efetiva ao educar através da comunicação midiática, desestabilizando a bolha hegemônica da Fórmula 1 e forçando-a a confrontar narrativas de injustiça social. A pesquisa contribui ao oferecer uma chave de leitura semiótico-educacional para o fenômeno, demonstrando como a comunicação esportiva pode ser ressignificada como instrumento de contestação política.

Palavras-chave: Educação; Ativismo Midiático; Lewis Hamilton; Racismo Estrutural; Semiótica.

ABSTRACT

The persistence of structural racism in global capitalist society poses a complex challenge, manifesting itself even after centuries of struggles for the abolition of slavery and the achievement of full citizenship for the black population. In this context, it is imperative not only to talk about anti-racism, but to effectively practise it, investigating the motivations of the ruling classes to resist dialogue about diversity in social environments. Formula 1, a globalised and historically elitist sport, characterised by white hegemony in its 74 years of existence, emerges as a privileged lens for this analysis, with Lewis Hamilton emerging as a unique agent of transformation in this scenario. This research investigates Lewis Hamilton's activist communication in Formula 1 as an educommunicative practice to combat structural racism and the elitism of the sport, analysing how his symbolic acts and media performance promote social debates in a traditionally conservative environment. The methodology adopted consists of a semiotic analysis of six media images of Hamilton in Grand Prix races held between 2020 and 2021, using the theoretical-conceptual framework of Peirce's (1839-1914) general semiotics to decipher the mechanisms of visual meaning and Greimas' (1917-1992) discursive semiotics and actantial model to understand the narrative structures of confrontation and solidarity present in his statements. The research is theoretically anchored in Educommunication studies through the perspectives of Soares (2011), Miguel (2017); Almeida (2023) and Oliveira (2024), who understand the interface between education and communication as an instrument of socio-political transformation, and on the fundamentals of anti-racism through the approach of Bento (2022), Ribeiro (2019) and Hooks (2019), who provide the critical foundation for analysing structural racism in sport. The aim of the research is to demonstrate how Hamilton's communicative praxis reinterprets the media-sports space, transforming it into a platform for critical education and the contestation of meanings. The analysis reveals that Hamilton employs a precise semiotic repertoire, including gestures, clothing, and symbols that function as vectors of a counter-hegemonic narrative. Through this theoretical perspective, Hamilton is identified as an active subject whose object of value is social justice, confronting institutional and cultural opponents with the support of allies. Finally, the work seeks to demonstrate how his actions constitute an effective educommunicative practice by educating through media communication, destabilising the hegemonic bubble of Formula 1 and forcing it to confront narratives of social injustice. The research contributes by offering a semiotic-educommunicative interpretation of the phenomenon, demonstrating how sports communication can be reinterpreted as an instrument of political contestation.

Keywords: Educommunication; Media Activism; Lewis Hamilton; Structural Racism; Semiotics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Áreas de intervenção e objetivos.....	22
Quadro 2: Exemplificando a semiótica discursiva.....	35
Quadro 3: Diretrizes para análise semiótica das imagens de Lewis Hamilton....	48
Quadro 3: Análise de Figura 1: Lewis Hamilton no GP da Turquia (2020).....	49
Quadro 4: Análise de Figura 2: Lewis com camisa pedindo a prisão dos policiais que mataram Breonna Taylor e que desencadeou reações dentro da F1.....	51
Quadro 5: Análise de Figura 3: Lewis Hamilton no GP da Espanha em 2020, com o capacete em apoio ao movimento “Vidas Negras Importam”.....	53
Quadro 6: Análise de Figura 4: Hamilton com o capacete da bandeira LGBTQIAPN+ no GP do Catar (2021).....	55
Quadro 7: Análise de Figura 5: Lewis Hamilton participando de protesto contra a violência policial em Londres (2020).....	57
Quadro 8: Análise de Figura 6: Lewis Hamilton ajoelha em protesto no pódio do GP da Hungria de 2020.....	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lewis Hamilton no GP da Turquia (2020).	49
Figura 2: Lewis com camisa pedindo a prisão dos policiais que mataram Breonna Taylor e que desencadeou reações dentro da F1.	51
Figura 3: Lewis Hamilton no GP da Espanha em 2020, com o capacete em apoio ao movimento “Vidas Negras Importam”.	53
Figura 4: Hamilton com o capacete da bandeira LGBTQIAPN+ no GP do Catar (2021).	55
Figura 5: Lewis Hamilton participando de protesto contra a violência policial em Londres (2020)	57
Figura 6: Lewis Hamilton ajoelha em protesto no pódio do GP da Hungria de 2020.	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DA EDUCOMUNICAÇÃO.....	18
2.1 Educomunicação e suas áreas de intervenção.....	18
2.2 A comunicação e educação na perspectiva da Educomunicação.....	22
2.3 Educomunicação e críticas sociais.....	23
3 OS ESTUDOS PARA ANÁLISES SEMIÓTICAS.....	27
3.1 A semiótica discursiva como análise social.....	33
4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA FÓRMULA 1.....	38
5 CURVA DO ATIVISMO NA SOCIEDADE.....	40
6 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	45
6.1 Análises semióticas das imagens de lewis hamilton.....	46
6.2 Diretrizes para análise das imagens.....	46
6.3 Análise das imagens.....	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Apesar de todos os direitos conquistados pela população negra durante séculos de lutas sociais para o fim da escravidão e a invisibilização da cidadania negra, sabe-se que o racismo estrutural ainda se faz presente na sociedade capitalista global. Como sugere (2022), as organizações constroem uma imagem de valorização da diversidade e pluralidade de indivíduos em seu ambiente. Porém, essa prática nem sempre se concretiza, tornando evidente que ainda é escasso o debate sobre os espaços que a população negra pode ocupar.

Além de uma sociedade que fale sobre antirracismo, é necessário, sobretudo, ser antirracista e entender o que motiva as classes dominantes a não estarem abertas ao diálogo acerca da diversidade e pluralidade em ambientes sociais.

A Fórmula 1, um esporte popularizado mundialmente, é um campeonato automobilístico sancionado pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA). Criada em 1950, é considerada uma categoria avançada e laureada do esporte a motor, com etapas conhecidas como Grandes Prêmios. O esporte envolve os melhores pilotos, os carros mais rápidos e os circuitos mais exigentes. Sua história é caracterizada pela elitização e pela falta de diversidade, tendo em vista que, em seus 74 anos de trajetória, a F1 (como geralmente é conhecida), conta com apenas um piloto negro, Lewis Hamilton.

Diante desse cenário, *Hamilton* surge como um importante representante para as rupturas de padrões sociais, racistas e elitistas que sobressaem nesse ambiente esportivo. Em uma breve análise de sua carreira, é notório que o piloto usa seu protagonismo e prestígio na categoria para promover pautas sociais importantes, tal qual o antirracismo, ações estas que dialogam com a motivação de transformar cenários de opressão através da comunicação.

Francisca Van Dunem (2019), na conferência "Racismo, Xenofobia e Discriminação Étnico-Racial em Portugal", proferida na Assembleia da República, enfatiza que a negação do preconceito racial é a sua manifestação mais potente. Essa negação abre espaço para um confronto cultural com um racismo que se estabelece estruturalmente. Essa abordagem não apenas aumenta a visibilidade, mas também diminui o estigma, garantindo que todas as pessoas tenham acesso a oportunidades, independentemente de sua etnia, religião ou orientação sexual.

Assim, esta pesquisa analisa a comunicação ativista de Lewis Hamilton na Fórmula 1 como uma prática educomunicativa que promove debates sociais.

A educomunicação tem um papel central nessa trama, pois se manifesta como um elo entre a educação e a comunicação, buscando a transformação de indivíduos em sujeitos sociais e políticos, garantindo seu direito universal à comunicação (Soares, 2014). Nesse contexto, as ações de Hamilton se alinham a uma perspectiva educomunicativa, especialmente porque a Fórmula 1 nunca teve um ícone que destacasse causas sociais tão relevantes. O piloto, então, promove a educomunicação ao educar para a comunicação. Sua trajetória de vida, como o único piloto negro na Fórmula 1, é um exemplo notável de resistência e persistência para superar as adversidades e alcançar seus objetivos.

No contexto das áreas de intervenção em educomunicação, conforme Almeida (2024), este trabalho foca na Educação para a Comunicação. Esta abordagem está alinhada com o campo de estudo *Media Studies*, que visa formar cidadãos alfabetizados e capazes de compreender a mídia, além de se comunicar efetivamente utilizando a diversidade de linguagens presentes na sociedade contemporânea (Oliveira, 2024).

O problema central da pesquisa reside na contradição entre a alegada valorização da diversidade no contexto social e corporativo global e a persistente realidade do racismo estrutural e da elitização em ambientes de prestígio, exemplificada de forma notória pela Fórmula 1. Apesar de séculos de lutas por direitos e da construção de uma imagem de pluralidade pelas organizações, o debate sobre a inclusão efetiva da população negra e de outros grupos minorizados em espaços de poder, como o esporte de elite, continua escasso, evidenciando um racismo que se manifesta pela negação e pela invisibilização.

A Fórmula 1, em seus 74 anos de história com apenas um piloto negro, *Lewis Hamilton*, materializa essa falta de diversidade e a elitização do esporte. A partir dessas considerações, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: *Como a atuação midiática e os atos simbólicos de Lewis Hamilton na Fórmula 1 funcionam como uma prática educomunicativa de enfrentamento ao racismo estrutural e elitização do esporte?*

A pesquisa propõe-se a investigar como o piloto usa seu protagonismo para promover o antirracismo e transformar cenários de opressão, alinhando suas ações à educomunicação para educar sobre a comunicação e fomentar o diálogo social.

Tendo como objetivo principal: *Analisar a comunicação ativista de Lewis Hamilton na Fórmula 1 como uma prática educomunicativa para promoção de debates sociais.*

Com os objetivos secundários de:

- (i) *Identificar e categorizar os atos simbólicos e mensagens antirracistas veiculadas por Hamilton em Grandes Prêmios selecionados;*
- (ii) *Analisar, à luz da Semiótica de Peirce e Greimas, as imagens midiáticas desses atos;*
- (iii) *Discutir como essas ações se configuram como intervenção no campo da Educação para a Comunicação.*

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar, sob uma perspectiva educomunicativa, os debates políticos, sociais e educacionais que surgem a partir da visibilidade de um piloto negro em um dos esportes mais dispendiosos do mundo. Adicionalmente, busca-se investigar como Lewis Hamilton emprega diversos meios de comunicação e linguagens visuais para abordar e suscitar discussões sobre racismo e movimentos sociais. Para tanto, são examinadas seis imagens midiáticas de Hamilton, capturadas nos seguintes Grandes Prêmios: Turquia (2020), Itália (2020), Espanha (2020), Londres (2020), Hungria (2020) e Catar (2021).

Apesar dos avanços nas lutas raciais e da crescente conscientização por meio das pautas sociais, a desigualdade social e racial persiste, agravando a falta de representatividade negra em diversas áreas, inclusive em esportes de elite como a Fórmula 1. É fundamental que se levantem debates sociais direcionados à elite branca para quebrar as barreiras de uma camada social privilegiada. Neste projeto de pesquisa, a problemática central aborda como a atuação midiática e os atos simbólicos de *Lewis Hamilton* na Fórmula 1 funcionam como uma prática educomunicativa, confrontando o racismo estrutural e a elitização do esporte.

As lutas sociais são essenciais para promover a reparação histórica em todos os níveis sociais. Diálogos sobre os movimentos que revolucionaram a história global devem ser conduzidos de forma cidadã e participativa. Conhecer a história mundial é crucial para preservar as conquistas alcançadas e prevenir a exploração e colonização de populações no futuro.

Nesta pesquisa, investigamos como Hamilton utilizou a Fórmula 1 como uma plataforma para intensificar discussões sobre lutas sociais na mídia. Consideramos esses estudos cruciais para entender a articulação entre comunicação crítica e

educomunicação, resultando em mensagens assertivas e impactantes para a classe dominante em diversos contextos, incluindo o esporte. O objetivo de Hamilton e de seus atos simbólicos na Fórmula 1 foi construir debates participativos sobre essas lutas. Quebrar estruturas que, por anos, silenciaram e negaram oportunidades igualitárias a pessoas — pretas, LGBTQIA+, entre outras — representa um movimento humano e social de grande importância.

Essa pesquisa está sendo organizada em sete tópicos. Além desta introdução, o segundo tópico fala sobre os objetivos desta pesquisa. O terceiro tópico traz a justificativa da temática abordada, o quarto tópico apresenta a metodologia que será explorada no decorrer no texto e no quinto detalhamos os assuntos que constroem a fundamentação teórica, esmiuçando a educomunicação, semiótica, *Fórmula 1* e racismo estrutural. No sexto tópico uma análise e discussão das imagens e encerrando com o sétimo tópico, que traz as considerações finais das análises das imagens e apontamentos e direcionamentos para pesquisas futuras.

As análises são através da análise semiótica, com base nas teorias de Charles Sanders Peirce (1839-1914) para a semiótica geral e Algirdas Julien Greimas (1917–1992) para a semiótica discursiva e modelo actancial, utilizando um quadro de diretrizes analíticas desenvolvido pela autora. Analisar como Lewis Hamilton consegue se manifestar social e politicamente dentro de um mundo elitista no esporte é o objetivo dessa pesquisa.

Em nossas referências para a construção desta pesquisa, utilizamos autores como Oliveira (2024), Almeida (2023), Miguel (2017) e Soares (2016) para abordar a Educomunicação. A perspectiva antirracista será compreendida por meio de Bento (2022), Ribeiro (2019) e Hooks (2019). Adicionalmente, são consultados artigos científicos e reportagens sobre Lewis Hamilton para a temática. A análise das imagens se fundamentará nos estudos semióticos de Charles Peirce (1839-1914) e na semiótica discursiva de Algirdas Julien Greimas (1917–1992).

2 ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS DA EDUCOMUNICAÇÃO

Este tópico de estudo abordará a Educomunicação e suas aplicações sociais, explorando sua função como ferramenta para análises críticas em comunicação e educação. Serão examinados estudos em semiótica discursiva, com foco na análise social. A pesquisa se concentrará na *Fórmula 1*, na curva do ativismo, e nas questões de racismo e antirracismo. O objetivo principal é analisar semioticamente e discursivamente imagens relacionadas a esses temas.

2.1 Educomunicação e suas áreas de intervenção

Tendo a Educomunicação como uma área de estudos científicos e sociais que abrange a Educação e a Comunicação — considerando diversos contextos e espaços — no desenvolvimento de uma abordagem interdisciplinar para formar cidadãos em seres críticos, criativos e participativos na sociedade midiática. Soares (2016) e Almeida (2024), trazem a Educomunicação como uma importante área do desenvolvimento e transformação social dos indivíduos.

Como resultado, Almeida (2024) explica o surgimento da Educomunicação a partir do movimento media education:

A educomunicação é oriunda do movimento denominado *media education* ou *mídia-educação*, que se iniciou e disseminou na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros locais, até chegar à América Latina. Aqui, em função de especificidades únicas, de sua natureza política revolucionária e libertadora, que a distingue da mídia-educação, foi batizada de educomunicação (2024, p. 25).

Diante do exposto, na Europa a *media education* se concentra em capacitar estudantes a reconhecer *fake news*, na América Latina a *educomunicação* avança um passo adiante: transforma rádios comunitárias, produções audiovisuais juvenis e redes sociais em ferramentas de denúncia contra injustiças e promoção ativa de direitos humanos.

O conceito de "educomunicação" vai além de um consumo crítico da mídia, estendendo-se à sua produção com um propósito social. Conforme Soares (2011), a educomunicação compreende um conjunto de ações voltadas para o planejamento e a implementação de "[...] práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas

comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas" (Soares, 2011b, p.15). Ao propor a criação de espaços abertos e participativos, busca-se uma gestão democrática e igualitária, na qual as práticas culturais e artísticas atuam como mediadoras da informação, priorizando o protagonismo das comunidades e dos sujeitos sociais.

Os ecossistemas comunicativos tem como principal objetivo garantir espaços abertos e dialógicos, ou seja, espaços onde a comunicação ocorra de forma horizontal, participativa e livre de opressões. Para alcançar esse objetivo, os autores Almeida, Andrelo e Cerigatto (2018, p. 291) destacam "a necessidade de mapear como os grupos se organizam dentro da escola, compreendendo os valores coletivamente construídos que orientam suas ações, pensamentos e emoções."

Dito isto, segundo a autora Silva (2025), é justamente nesse ponto que a teoria se articula com a prática. Ao se basear na realidade mapeada, o trabalho com as ferramentas da comunicação ganha efetividade:

Ao mencionar as linguagens e recursos da comunicação, artes e tecnologias da informação, a definição se articula para garantir, na prática, a aprendizagem – dentro da autonomia – e a liberdade de expressão, evitando uma visão idealizada da comunicação, e centrando-se nas realidades cultural e social dos sujeitos, enquanto protagonistas (Silva, 2025, p. 41).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que é extremamente importante inserir nos ambientes comunicativos linguagens, comunicação, artes e tecnologia da informação; despertando a consciência crítica e realista, proporcionando a autonomia daquele cidadão. Possibilitando assim, amplos debates sociais nos ecossistemas comunicativos.

Com isso, os indivíduos se transformam internamente e externamente em seres críticos sociais, capazes de analisar e discutir sobre diversos temas. Segundo Almeida (2024, p. 11-12), "a Educomunicação age de forma que I) estabelece a comunicação cidadã, democrática e participativa; II) educa para a adoção de boas práticas comunicativas; III) constrói conhecimento sobre a própria educomunicação; IV) motiva para a aprendizagem; V) utiliza a tecnologia ou a arte nos processos educativos; VI) produz mídias educativas".

Ainda no pensamento de Almeida (2024), o objetivo final desse processo é profundamente político e social. A Educomunicação não se limita a criar bons comunicadores, mas sim cidadãos plenos e atuantes:

A educomunicação pretende habilitar os cidadãos a exercerem seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação, o que implica, por meio de ações educativas, conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção de conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida (2024, p. 33).

Entende-se portanto que ao promover o diálogo e a articulação comunitária, a Educomunicação fortalece a construção coletiva de conhecimento e mobiliza grupos sociais para reivindicar melhores condições de vida, transformando a comunicação em ferramenta de empoderamento e mudança social.

Como resultado desse pensamento e da práxis da Educomunicação, existem as áreas de intervenção educacionais que segundo Almeida (2024) são:

Em educomunicação, atua-se com intervenções socioculturais, nas quais o ato de intervir está ligado à constatação da existência de: exploração humana, conflitos, irregularidades, opressão, precário aproveitamento da capacidade dos indivíduos de construir conhecimento e de atuarem como protagonistas de sua própria realidade, além da supressão de direitos básicos, principalmente, do direito à informação e à comunicação (2024, p.39).

As devidas áreas de intervenção são necessárias para compreender como os indivíduos que vivem na sociedade, dentro de um ecossistema e bombardeados por informações, podem se capacitar para usarem criticamente as mídias, produzirem conteúdos significativos e participarem ativamente de questões sociais. Segundo Deliberador (2012, p.305), “a mídia-educação e a comunicação comunitária emergem como práxis que despertam em crianças e jovens um olhar crítico e propõem um uso transformador das mídias para que eles enfrentem os problemas de sua realidade, principalmente para uma formação cidadã”. Diante disso, as áreas de intervenção atuam especificamente na construção da cidadania dos indivíduos.

Para exemplificar como funcionam as áreas de intervenção e quais são seus objetivos, foi desenvolvido o quadro 1.

Quadro 1: Áreas de intervenção e objetivos.

Áreas da Educomunicação:	Objetivo Geral/Específico:
Epistemologia da Educomunicação:	Levar os participantes a entender o potencial da educomunicação, seus objetivos, as metodologias que emprega e também a construir conhecimento sobre ela.
Produção Midiática:	Por meio da elaboração de um produto midiático, levar os participantes a aprenderem conceitos.
Educação para a Comunicação:	Levar os participantes a: a) Ampliarem o diálogo com os membros de sua comunidade; b) Terem um olhar crítico sobre a mídia; c) Compreenderem como a comunicação pode ajudar na construção do conhecimento e no autoconhecimento; d) Entenderem o papel dos meios de comunicação de massa na sociedade.
Pedagogia da Comunicação:	a) Levar os participantes a debaterem e refletirem sobre um assunto (não necessariamente sobre comunicação) usando recursos da informação e comunicação; b) Motivar para a aprendizagem e para o diálogo.
Mediação Tecnológica na Educação:	Levar os participantes a incorporarem educativamente as tecnologias da informação e comunicação (TICs) na educação.
Expressão Comunicativa através das Artes:	a) Levar os participantes a se comunicarem usando linguagens artísticas; b) Estabelecer contato com as pessoas por meio das artes.
Gestão da Comunicação:	Levar os participantes a diagnosticar, planejar, implantar e avaliar projetos, programas ou planos de comunicação, corrigindo rumos quando necessário, com a finalidade de potencializar os fluxos de comunicação na comunidade, utilizando estratégias das demais áreas de intervenção.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

2.2 A comunicação e educação na perspectiva da Educomunicação

Diante de todas essas áreas de intervenção, entende-se que cada uma desenvolve um papel social importante para pesquisas e aplicações específicas com objetivos e públicos alvos diferentes. Contudo, a área de intervenção a ser estudada nesta pesquisa será a **Educação para a Comunicação**. Almeida (2024) conceitua que “nesta área, o objeto de estudo é a comunicação, entenda-se aqui tanto a comunicação direta, em que emissor e receptor se encontram face a face, quanto a comunicação mediada, em que emissor e receptor não estão fisicamente no mesmo local”. Ou seja, estuda toda a comunicação que envolve o indivíduo diretamente, seja ela verbal, não verbal ou digital.

Dito isso, dentro do conceito educocomunicativo, surge também o debate sobre a educação midiática, que segundo Soares (2014, p. 138), faz-se a junção de “práticas voltadas à sensibilização e formação das audiências para a convivência com os meios de comunicação – *media education, educación en medios* – educação midiática”, tornando os usuários digitais mais críticos em seu consumo.

Contextualizando, a urgência e necessidade desse trabalho crítico tornam-se evidentes devido a imensidão do objeto de estudo, Citelli (2007) explica:

Ocorre que os contextos midiáticos foram, progressivamente, não apenas propondo e disseminando a presença de sistemas multi sígnicos como, também, ampliando-os, cruzando-os, configurando um quadro de linguagens complexas cuja leitura e compreensão se tornaram importantes para o entendimento das mensagens geradas pela televisão, pelo rádio, pelo jornal etc (2007, p.9).

Portanto, ainda no pensamento de Citelli (2007, p. 10) a cultura do novo capitalismo, conceito de Richard Sennett (2006), desafia a escola a criar novas estratégias de relacionamento, seja no ensino formal, seja na socialização e nos aprendizados necessários para um mundo em rede. Consegue-se então, compreender que a educação midiática possibilita o desenvolvimento da comunicação crítica social e cultural ao sistema capitalista global. A comunicação crítica é essencial para o desenvolvimento social e político de uma pessoa.

2.3 Educomunicação e críticas sociais

Estudar e pesquisar sobre senso crítico deveria ser uma realidade para todos os cidadãos, independentemente da sua classe social, etnia ou gênero. Contudo, quanto mais privilégios sociais um indivíduo tem, menos surge o interesse por movimentos que lutam por oportunidades igualitárias.

Na estruturação do conceito de Educomunicação e do estudo da práxis, a crítica e os atores sociais surgem como uma intersecção entre a Comunicação e a Educação, dedicando-se às intervenções sociais e contestando práticas comunicacionais e educacionais hegemônicas, pautadas no diálogo e nas decisões democráticas, participativas e coletivas (Rosa e Almeida, 2023). Romper com os padrões sociais dominantes é de extrema relevância para a construção desse diálogo participativo, levando-os a reflexões e informações que questionam os espaços sociais e as configurações que eles tomaram ao longo dos tempos.

A comunicação e linguagens têm uma contribuição para a disseminação da informação, sendo a *internet* um meio democrático do compartilhamento de conhecimento. Entretanto, segundo Moretzsohn (2017), é marcada por uma realidade de hiperinformação, que muitas vezes a partir dos seus estímulos ao imediatismo peca pelo excesso e faz com que haja a ilusão de que se sabe demais e passa a negligenciar partes importantes do todo, sem perceber que estão sendo ignorados. Segundo o autor supracitado, há dificuldade de encontrar e selecionar as informações que precisam ser analisadas criticamente e desconsiderar o que é irrelevante. Ferrari, Machado e Ochs (2020, p. 26) ressaltam que essa necessidade ganha mais urgência diante do fluxo das informações, sabendo filtrar aquilo que é mais relevante e interrogar as informações antes de consumi-las.

Outro aspecto é que a exposição prematura a essas mensagens, molda a percepção de mundo das novas gerações, Ochs (2019) explica:

Desde muito cedo, as crianças estão expostas a todo o tipo de textos: imagens, publicidade, embalagens e impressos no mundo físico; a mídia tradicional da geração de seus pais (TV, jornais e rádio); e uma quantidade cada vez maior de informação no mundo virtual, como vídeos, jogos, notícias, textos via SMS e posts de mídias sociais. Cada um desses textos oferece mensagens e experiências que são determinadas por seus autores, segundo um objetivo específico: informar, divertir ou convencer. Seu conteúdo e forma representam escolhas do autor, a serviço desses objetivos. Todas as formas de mídia têm algo comum entre si: alguém as

criou, e por uma razão específica. Compreender isso é a base da educação midiática (Ochs, 2019, p.3).

Com o acesso desenfreado à informação, devido a evolução tecnológica com o passar dos anos, surgiram diversos meios de comunicação e mídias digitais que estão presentes no cotidiano dos seres humanos. Causando uma importante mudança de percepção social e cultural dessas pessoas. O desenvolvimento da educação midiática se faz necessário para compreender como os indivíduos sociais são atingidos e reagem diante de uma informação nas redes digitais.

Como resultado disso, ainda no pensamento do Ochs (2019) compreendemos que:

Em uma sociedade em que consumimos mídia o tempo todo, e na qual a circulação de informações, o trabalho, a aprendizagem e os relacionamentos estão cada vez mais mediados pelas mídias digitais, é essencial que o jovem consiga estar nesse ambiente de forma plena. Uma participação ativa e saudável na sociedade digital requer a habilidade de encontrar o que buscamos, o consumo crítico de informações, e a possibilidade de ler e produzir textos em todos os formatos – incluindo os formatos digitais interativos da mídia contemporânea (Ochs, 2019, p. 8).

A autora defende que em um mundo dominado pelas mídias digitais, a participação social exige muito mais do que acesso à internet; requer habilidades para buscar, criticar e produzir informações em múltiplos formatos, garantindo engajamento consciente e autonomia. Dito isto, a percepção do impacto social diante do desenvolvimento de pensamentos críticos e participativos, consolida o pensamento educacional de prática social cidadã.

Almeida (2024) elucida que tamanha proporção que a mídia ocupa nos processos sociais e os conteúdos como importantes componentes culturais e artísticos necessitam ser analisados, sendo a leitura crítica uma prática essencial à produção midiática. Essas atividades citadas precisam ser utilizadas para o desenvolvimento do senso crítico dos sujeitos, para que os mesmos consigam desenvolver uma cidadania crítica sobre a sociedade que vivem independentemente do seu contexto social.

A partir disto, o letramento digital e educação midiática conseguem desenvolver diversas percepções da realidade, Ochs (2019) complementa:

O letramento digital e a educação midiática abrem a possibilidade de participação ativa na sociedade, seja através da construção coletiva de conhecimento, ou do engajamento em causas cívicas. Ao “criar para aprender” segue-se o “criar para participar”, à medida que o jovem aumenta a sua influência nos meios digitais (Ochs, 2019, p.16).

Com isso, os jovens desenvolvem habilidades que evoluem para um "criar para participar", ampliando sua influência em ambientes digitais. Isso significa que a produção de conteúdo - como vídeos, podcasts, textos ou projetos colaborativos - torna-se uma ferramenta de engajamento cívico e de construção coletiva de conhecimento. A autonomia conquistada por meio da educação midiática permite que os jovens não apenas consumam informações, mas também intervenham na realidade, promovendo transformações sociais e exercendo cidadania de forma plena e crítica.

Dentro das instituições de ensino, deveriam existir um diálogo entre professores e alunos sobre o senso crítico, para que os então “estudantes” se desenvolvessem enquanto indivíduos sociais. Na opinião de Oliveira (2021), quanto ao diálogo:

[...] É possível promover a participação dos estudantes e a interação entre eles e os professores, que, como mediadores, conseguem contribuir para o entendimento sobre os conteúdos dos meios, fazendo-os refletirem sobre as mensagens que entram em contato, dando aos alunos protagonismo sobre aquilo o que assistiram e, a partir disso, por meio da identificação e representatividade, as crianças conseguem associar e questionar as imagens e narrativas do imaginário midiático com a sua própria realidade e desenvolver sua visão crítica frente ao que veem (Oliveira, 2021, p. 224).

Assim, se as instituições de ensino conseguissem efetivamente transformar a vida de seus estudantes através da educação midiática, a sociedade seria mais crítica e segura do que consomem nos meios digitais, trazendo uma visão real das classes sociais e suas esferas, transformando-os em seres críticos e participativos. A educação midiática é uma vertente da comunicação crítica, na qual o indivíduo busca se desenvolver criticamente e socialmente sobre a mídia.

Segundo Miguel (2009, p.67), “uma educação midiática deve incluir uma educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias”. Diante disso, entende-se que o ser humano precisa desenvolver seu senso crítico para saber o que está consumindo midiaticamente.

O pensamento de Miguel (2024) sobre a educação midiática é que ela:

[...] Contempla, ainda, estudos que se encontram na interface de outros dois campos: educação e comunicação. Tal fato dá origem a determinadas características, obstáculos e questionamentos que evidenciam a sua estrutura complexa, exigindo uma abordagem interdisciplinar para sua compreensão (Miguel, 2024, p.67).

Com esse tipo de abordagem, entende-se que a educação para a comunicação é essencial para que a educação midiática seja realizada de maneira correta. Segundo o pensamento de Bevórt e Belloni (2009), eles informam que a “educação midiática diz respeito a uma educação que vise à leitura crítica das produções midiáticas, assim como à produção e divulgação de produtos midiáticos de forma crítica e consciente”. Miguel (2024, p.67) complementa que “esse termo pode aparecer sob diferentes nomenclaturas: mídia-educação, educomunicação, *media literacy*, educação para as mídias a depender da sua filiação teórica”.

Essa crítica, no entanto, vai além da simples verificação de fatos, como ilustrado por Ochs (2019), deve-se avaliar sempre de forma crítica as mídias. Segundo o autor:

Nos filmes, jogos e outros artefatos da cultura pop que consumimos, a educação midiática nos permite avaliar **questões de representação** que frequentemente estão presentes. Textos de mídia com grandes audiências têm o potencial de refletir e cristalizar preconceitos e divisões sociais arraigados, e o risco de uma leitura não crítica é que esses sejam naturalizados na sociedade. Publicidade, filmes e canais do YouTube podem ser terrenos férteis para a disseminação de estereótipos que causam preconceito e até violência. Quando todos os terroristas nos filmes são árabes, e todos os empregados são negros, estamos repetindo e agravando padrões de exclusão (Ochs, 2019, p. 5).

Diante desse pensamento, compreende-se que quando um estereótipo é sobreposto a pessoas deficientes, pretas, LGBTQIAPN+, dentre outros; a representação dessas pessoas é levada como verdade absoluta. Com isso, o preconceito estrutural acontece em todas as esferas da sociedade. Por isso, que a educação midiática em conjunto com a análise semiótica é necessária para o desenvolvimento da habilidade de "ler" por trás das imagens, questionar as mensagens e exigir representações mais justas e diversificadas, quebrando ciclos de exclusão.

3 OS ESTUDOS PARA ANÁLISES SEMIÓTICAS

A semiótica configura-se como uma ciência dedicada ao estudo dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura (Nöth, 1995, p.17). Este estudo e ciência teve início na medicina, de modo que médicos utilizaram dos sintomas físicos dos pacientes para diagnosticar as enfermidades. O autor afirma que “a semiótica propriamente dita encontra seu ancestral mais antigo na história da medicina, entendida como o primeiro estudo diagnóstico dos signos das doenças. O médico grego Galeno de Pérgamo (134-199), por exemplo, referiu-se à diagnóstica como sendo “a parte semiótica” (*semeiotikón méros*) da medicina” (Nöth, 1995, p.18).

Ferdinand de Saussure (1857-1913) emerge como figura seminal, sendo considerado o precursor da linguística moderna, de modo que a sua teoria influenciou gradativamente no desdobramento da estrutura semiótica e filosófica (Nöth, p.15). A teoria saussuriana também enfrentou críticas e oposições em relação aos seus postulados semióticos. Dentre seus principais legados, destaca-se seu projeto semiológico, que estabeleceu a equivalência terminológica entre semiologia e semiótica a partir da década de 1970.

Posteriormente, surgiram distinções conceituais entre esses dois termos. Segundo Nöth (1995):

Alguns semioticistas, porém, começaram a elaborar distinções conceituais entre semiologia e semiótica: semiótica, designando uma ciência mais geral dos signos, incluindo os signos animais e da natureza, enquanto semiologia passou a referir-se unicamente à teoria dos signos humanos, culturais e, especialmente, textuais (Nöth, 1995, p.23).

Neste contexto, a teoria de Saussure (1916) se aplica à semiologia e consegue trazer importantes contribuições para a análise semiótica. Jakobson foi o responsável pela distinção oficial dos termos e “a rivalidade entre esses dois termos foi oficialmente encerrada pela Associação Internacional de Semiótica que, em 1969, por iniciativa de Roman Jakobson, que decidiu adotar a semiótica como termo geral do território de investigação nas tradições da semiologia e da semiótica geral” (Nöth, 1995, p.24). Saussure também inovou ao desenvolver a *teoria sígnica*.

Segundo Nöth (1995) essa teoria trata da “natureza do signo linguístico”. O autor menciona que:

Saussure (1916:79-85; 133-6) elaborou o modelo sógnico somente com a finalidade de analisar a “natureza do signo linguístico”. Na tradição semiológica, segundo Saussure, este modelo linguístico do signo também foi transferido aos signos não-linguísticos. Tal conferência parece ser compatível com o programa semiológico. Aspectos fundamentais da teoria saussuriana do signo são sua estrutura bilateral, sua concepção mentalista, a exclusão da referência e a concepção estrutural da significação (Nöth,1996, p.28).

O modelo bilateral desenvolvido por Saussure compreende o signo como constituído por dois elementos fundamentais: significante e significado (Nöth, 1996, p. 28), excluindo deliberadamente o objeto de referência dos seus estudos. Essa abordagem permitiu a distinção conceitual entre esses termos, conforme explica Nöth (1996):

[...] Saussure introduziu para as duas faces constituintes do signo os novos termos *signifié* (para o conceito) e *signifiant* (para a imagem acústica) (1916d:81). A tradução portuguesa é significado e significante. [...] Assim, as três noções estão envolvidas no modelo sógnico diádico de saussure. O signo [*sign*] designa o todo que tem o significado e o significante como suas duas partes (Nöth, 1996, p.29).

O modelo diádico de Saussure (1916), nada mais é que a exclusão explícita do objeto de referência como um elemento de semiologia. Pois de acordo com Nöth (1996, p.31) “o signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Nada existe (estruturalmente) além do significado e do significante”. Apesar disso, alguns semioticistas consideram esse modelo de pensamento “uma das características distintas da semiologia saussureana, argumentando que o modelo triádico de Peirce (1860) é superior na solução de problemas semióticos” (Nöth,1996, p.36). Apesar dos estudos teóricos de ambos se complementarem, existe uma grande diferença em seus modelos de sistemática semiótica.

Essa divergência teórica, longe de invalidar qualquer um dos modelos, revela suas complementaridades e aplicabilidades distintas. A respeito dessa complementaridade, Nöth (1996) destaca que:

Em relação à sistemática semiótica, Saussure chamou a atenção dos pesquisadores para a necessidade de se estudar signos dentro de sistemas. Suas idéias a este respeito tiveram uma influência decisiva no desenvolvimento da teoria semiótica dos códigos. As idéias da estrutura e sistematicidade semiótica têm pouco precedente na tradição mais filosófica da semiótica representada por Peirce. Portanto, é provavelmente justificável designar tanto Peirce quanto Saussure como pioneiros da semiótica moderna (Nörth, 1996, p.46).

Os pensamentos de Saussure (1916) e Peirce (1860) se complementam na sistemática da análise semiótica. As teorias de Charles Sanders Peirce (1839-1914), segundo Costa e Dias (2019, p; 49) organizam-se a partir de tricotomias fundamentais. “Peirce concebe várias tricotomias, ou tríades, ao erigir sua ciência dos signos; dentre elas, notadamente, a que divide o signo em ícone, índice e símbolo”. Essa perspectiva tricotômica revela como a percepção semiótica opera no âmbito da cognição humana, organizando as experiências em três dimensões interdependentes.

Essa estrutura é fundamental para compreender a natureza dinâmica e processual da significação em sua semiótica. Os autores Costa e Dias (2019) explicam que:

[...] Embora as categorias possam se intercambiar e influenciar umas às outras, um estado de coisas é apreendido seja como (1) **sentimento**, (2) **resistência** ou (3) **pensamento** - estas, em sua terminologia final, são chamadas, respectivamente, de (1) **primeiridade**, (2) **secundidade** e (3) **terceiridade** (Costa; Dias, 2019, p. 51).

A afirmação dessa perspectiva tripartida explica que primeiro o ser humano sente (primeiridade), reage (secundidade) e pensa (terceiridade); fazendo assim a tríade para uma análise semiótica. A exemplificação do que seria esses termos é dada por Costa e Dias (2019), afirma que:

As três categorias podem ser enunciadas da seguinte forma:

A categoria ou consciência da **primeiridade (sensibilidade)** corresponde àquilo que é apreendido em si mesmo, sem a necessidade de mediação para que tenha sentido. Um exemplo é a qualidade vermelha da maçã.

A categoria ou consciência da **secundidade (reação)** corresponde àquilo que somente aponta para algo a ser apreendido, que lhe é distinto e guarda com ele algum tipo de relação. Um exemplo é o sabor doce para o qual aponta a vermelhidão da maçã. A categoria ou consciência da **terceiridade (pensamento)** corresponde a um objeto que é apreendido por meio de um terceiro e que não tem com ele nenhuma relação de semelhança ou

continuidade estrita. Um exemplo é a palavra maçã que representa o fruto (Costa; Dias, 2019, p. 55).

Esses três momentos são constitutivos do processo experiencial necessário para a realização de uma análise semiótica rigorosa, observando o fenômeno ao qual este indivíduo é exposto. Como destaca Costa e Dias “Peirce faz uma **fenomenologia das categorias da experiência** para embasar sua teoria do signo e da consciência sígnica (semiose)” (2019, p.56); ou seja, para que seja realizada uma análise semiótica os sujeitos precisam de uma experiência sígnica.

Concluindo o pensamento de Peirce (1955), Costa e Dias (2019) afirmam que:

A semiótica peirciana compartilhada com a fenomenologia o objetivo de aprender a ver, ou seja, de saber enxergar toda a riqueza que há naquilo que vemos e num signo - o qual, como demonstramos, nunca é um signo isolado, mas um complexo sígnico de categorias; impressões (primeiridade), reações (secundidade) e pensamentos (terceiridade) (Costa; Dias, 2019, p. 59).

O trecho mostra a originalidade na vinculação da semiótica com fenomenologia Peirciana, concretizando a concepção de que “ver” é “ver-compreender”, através dessa tríade categorial. Como também, os signos da experiência que são uma descrição triádica e são classificados como: representamen, objeto e interpretante.

Sobre esse conceito os autores Costa e Dias (2019, p. 61) destacam os seus significados que “signo é (1) aquilo que representa (2) algo para (3) alguém que o apreende, ou seja, o signo é composto de três elementos. o elemento da apresentação, ou do (1) **representamen**; o elemento da referência, ou do (2) **objeto**; e o elemento da apreensão, ou do (3) **interpretante**” (2019, p. 61). Com a explicação direta do que é signo, entendemos que necessariamente ele precisa se caracterizar como objeto e precisa de um interpretante para analisá-lo.

Sobre esse conceito os autores Costa e Dias (2019) destacam que:

[...] todo signo tem um interpretante para o qual esse objeto aparece. Assim, é possível completar a definição supracitada dizendo que o signo é o *representamen* apenas em sentido estrito e que, em sentido lato, o signo é uma estrutura composta por três elementos: representamen, objeto interpretante (2019, P. 61).

Nessa perspectiva, o papel do interpretante é passar pelas três fases da experiência - primeiridade (sensibilidade), secundidade (reação) e terceiridade (pensamento) - para efetuar a decodificação do *representamen*, que é o signo propriamente dito. Para complementar a teoria de Peirce da *tricotomia do representamen*, Costa e Dias (2019) apresentam a definição de **qualissigno**, **sinsigno** e **legissigno**, que são variações para os três possíveis tipos de *representamen*. Para os autores:

O *representamen* é um **qualissigno** quando apresenta uma mera **qualidade** ou conjunto de qualidades, sem necessariamente fazer menção a um objeto para além delas [...] O *representamen* é um existente concreto, ele passa a ser um **sinsigno**. Trata-se da **singularidade** representada no signo, uma maçã, um homem, uma canção ou uma árvore [...] O **legissigno**, como terceira classe do *representamen* é um signo que é uma **lei** ou uma lei tornada signo (Costa; Dias, 2019, p.65).

Dito isto, o *representamen* pode ser definido baseado nessas tricotomias. Simplificando, o **qualissigno** é uma **qualidade do signo**, o **sinsigno** uma **singularidade do signo** e o **legissigno** uma **lei tomada como signo**. Significando assim, que a experiência sígnica se manifesta de diversas formas, conforme o nível de interpretação e a natureza do signo em questão.

Para compreender o signo, Peirce (1998) também desenvolve a *teoria da tricotomia do objeto*. A respeito disso, os autores Costa e Dias (2019) explicam que:

Quando pensamos a relação que um signo pode ter com o objeto ao qual ele se refere, chegamos a três possibilidades: (1) o signo **tem em si mesmo algo do próprio objeto** e é um **ícone**; (2) o signo mantém uma **relação de apontamento e de contiguidade** com o objeto e é uma **índice**; (3) o signo mantém uma **relação puramente convencional ou de raciocínio** com seu objeto e é um **símbolo** (Costa; Dias, 2019, p.67).

A análise dessa perspectiva da tricotomia do objeto ressalta que eles estão fortemente ligados às categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade. Por esse motivo, Peirce (1998) considera a divisão dos signos de suma importância para a semiótica, para que consigamos questionar em qual momento aquilo que vemos representa algo ou consegue comunicar algo com sucesso (Costa; Dias, 2019, p.67). Essa classificação não apenas enriquece a análise semiótica, mas

também permite compreender análises sígnicas específicas em seus processos de comunicação e construção de sentido do interpretante.

Para entender a relação do signo com o interpretante, a *tricotomia do interpretante* os autores explicam que:

Um **rema** é uma espécie de ideia simples e que não pode ser decomposta em partes. Uma imagem, um som, um odor, um nome próprio são casos de signos remáticos [...] Um signo **dicente**, como o próprio nome sugere, “diz algo” para o interpretante e contém algum tipo de informação [...] Já o raciocínio completo, que vai das premissas à conclusão e, por isso, contém justificativa, é aquilo que Peirce nomeia como **argumento** (Costa; Dias, 2019, p.77).

Exemplificando essa tricotomia, o **rema** representa algo mas não informa nada sobre ele; o **dicente** representa conteúdo e informação; e o **argumento** demonstra o que ele transmite (2019, p.78). Concluindo então os três tipos de tríades dos estudos de Peirce (1998). Essa riqueza de possibilidades interpretativas demonstram a abrangência da semiótica como ciência capaz de analisar os processos de significação em suas mais variadas manifestações.

Em suma, a Semiótica é definida por Ledur e Lerm (2018) como:

[...] uma teoria geral dos processos de significação que se caracteriza por ser uma disciplina enquanto método de análise das manifestações significantes, verbais ou não verbais, que circundam discursos, produções simbólicas e práticas através das quais a realidade se torna inteligível. Os semioticistas se ocupam da busca pelo sentido, tendo por objetivo analisar as condições de produção e da apreensão da significação (Ledur; Lerm, 2018, p. 8).

Com isso, a imagem é a representação mais explícita da semiótica, podendo iniciar a reflexão na relação entre o sistema de signos da linguagem e o da imagem (Santaella; Nörth, 2015, p. 36). Fazendo assim, um conceito de semiótica da imagem, que ajuda a decifrar como as representações visuais constroem sentidos em diferentes contextos, desde a arte até a comunicação digital. Os autores citam que as imagens são:

[...] uma das mais antigas formas de expressão da cultura humana. Em oposição aos artefatos, que servem para fins práticos, elas se manifestam com função puramente sígnica. A semiótica tem, como ciência geral dos

signos, a tarefa de desenvolver instrumentos de análise desses produtos prototípicos do comportamento signico humano (Santaella; Nörth, p.145).

Dessa forma, a imagem é um signo icônico e plástico para a semiótica. Trazendo a definição de Peirce de que um signo icônico é tátil e visível, mas que para além de imagens óticas, são também imagens acústicas e mentais. Causando uma semelhança entre o signo da imagem e o seu objeto de referência.

Para Santaella e Nörth (2015) a imagem desenvolve um papel extremamente importante para a semiótica:

Partindo de um modelo triádico de signo, o signo de imagem se constitui de um significante visual (*representamen* para Peirce), que remete a um objeto de referência ausente e evoca no observador um significado (interpretante) ou uma ideia do objeto. Já que o princípio da semelhança possibilita ao observador unir os três elementos constitutivos do signo, não é de estranhar que o conceito de imagem seja reencontrado nas denominações de cada um dos três constituintes (Santaella; Nörth, 2015, p. 40).

A imagem percorre todo o processo semiótico, desde sua materialidade concreta até sua quanto sua reconstrução mental no ato interpretativo. Dessa forma, para concretizar uma leitura semiótica da imagem, deve-se levar em consideração não apenas sua estrutura formal, mas também sua construção do sentido. Para tal análise é necessário:

Observar os elementos presentes no texto, como palavras, imagens, cores, gestos, entre outros. Cada um desses elementos possui um valor simbólico, ou seja, um significado que é atribuído culturalmente. A partir da análise desses elementos, é possível compreender como eles se relacionam entre si e como contribuem para a construção de sentidos do texto verbal e/ou imagético (Costa, 2024, p. 22).

Fazendo essa construção, consegue-se compreender todos os aspectos realizados na articulação discursiva de determinada imagem, e com isso, compreender que o significante, objeto e interpretante se articulam de forma interdependente, trazendo sentido e significado para a imagem.

3.1 A semiótica discursiva como análise social

O lituano-francês Algirdas Julien Greimas (1917–1992), foi um semiótico e linguista que contribuiu para os estudos da semiótica estrutural e análise narrativa. Greimas (1976) desenvolveu a **Teoria dos Actantes** (Modelo Actancial) para analisar a estrutura das narrativas, identificando seis funções ou papéis fundamentais: **sujeito**, **objeto**, **destinador**, **destinatário**, **adjuvante** e **oponente** que compõem a estrutura profunda das histórias.

Segundo o pensamento fundamental de Greimas (1966):

O esquema actancial apresenta-se como uma estrutura elementar que permite dar conta da sintaxe narrativa profunda. Os actantes não são personagens, mas papéis funcionais definidos por sua posição no percurso narrativo (Greimas, 1966, p. 172).

A estrutura elementar possibilita que reduza as narrativas complexas a relações mínimas e universais. O modelo **sujeito** vs. **objeto** (busca e desiderato), **destinador** vs. **destinatário** (poder e recepção) e **adjuvante** vs. **oponente** (forças auxiliares e antagônicas) informa que independentemente do conteúdo diegético (fantasia, drama, publicidade), as mesmas funções lógicas se repetem.

Para ficar mais compreensível, eis o exemplo de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (J.K. Rowling, 1997), para ilustrar o modelo actancial, percebido no Quadro 2.

Quadro 2: Exemplificando a semiótica discursiva.

EIXO:	ACTANTES:
Sujeito:	Harry Potter.
Objeto:	Derrotar Voldemort/proteger a Pedra Filosofal.
Destinador:	Dumbledore (ou o "dever" do bruxo).
Destinatário:	A comunidade bruxa (ou o próprio Harry).
Adjuvantes:	Hermione, Rony, a varinha de Harry.

Oponentes:	Voldemort, os Comensais da Morte.
-------------------	-----------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Esse modelo demonstra **Harry** como **sujeito** em busca do **objeto (derrotar Voldemort)**, orientado pelo **destinador (Dumbledore)** e apoiado por **adjuvantes (Hermione/Rony)**, enquanto enfrenta **Oponentes (Voldemort)**, beneficiando **destinatários (comunidade bruxa)**. Essa estrutura funcional (Greimas, 1966) revela a organização profunda da narrativa, independente de seus elementos superficiais. Ou seja, existe uma intenção discursiva semiótica organizada. Nesse sentido:

Ao fazer uma leitura semiótica, é necessário observar os elementos presentes no texto, como palavras, imagens, cores, gestos, entre 23 outros. Cada um desses elementos possui um valor simbólico, ou seja, um significado que é atribuído culturalmente. A partir da análise desses elementos, é possível compreender como eles se relacionam entre si e como contribuem para a construção de sentidos do texto verbal e/ou imagético (Costa, 2024, p. 22).

Com isso, entendemos que a **Teoria dos Actantes** revela padrões universais na construção de sentidos. Essa estrutura, foca nas funções narrativas dos elementos superficiais, conseguindo exemplificar um instrumento analítico para a semiótica textual, possibilitando demonstrar a arquitetura de toda narrativa. A citação de Greimas (1966), portanto, estabelece as bases para uma metodologia de análise narrativa que permanece relevante nos estudos semióticos contemporâneos.

Segundo Silva (2025, p. 107), a reflexão de Greimas (1993) levanta a seguinte questão: o semiótico corresponde ao imanente, enquanto o linguístico refere-se ao manifesto ou ao nível aparente. Dessa forma, elementos linguísticos, como a gramática, seriam considerados parte do nível aparente, situados na manifestação, ao passo que o imanente estaria associado ao semiótico.

Esta distinção é crucial para compreender o alcance da semiótica, como respalda Emerim (2014), que:

[...] a semiótica visa elaborar uma teoria da significação que possa dar conta não só das línguas, mas também, de todas as linguagens e, para tanto, se

propõe a analisar as crenças, sentimentos e atitudes que cada sociedade adota frente às suas linguagens, partindo dos efeitos de sentido produzidos pelas “coisas” do mundo (Emerim, 2014, p. 03).

Com isso, pode-se citar a Educomunicação - enquanto campo de atuação da Educação para a Comunicação - que caracteriza-se como uma ferramenta essencial para formar os indivíduos sociais em seres críticos, participativos e construtores de sentidos. Conseqüentemente, os indivíduos tornam-se capazes de analisar, questionar e ressignificar os conteúdos veiculados midiaticamente, transcendendo a condição de meros receptores e assumindo um papel ativo na esfera pública.

A autora Costa (2024) corrobora com esta perspectiva ao citar que:

Podemos entender a semiótica como um dispositivo discursivo imprescindível para a Educomunicação, em especial à área de intervenção Educação para Comunicação, tendo em vista que ela é responsável por oportunizar e possibilitar a leitura crítica da mídia veiculada pelos mais diversos veículos de comunicação, hegemônicos e não hegemônicos (Costa, 2024, p. 23).

Desse modo, a Educomunicação surge como um precursor para o empoderamento semiótico discursivo na construção social dos sujeitos. Possibilitando entender como a mídia constrói sentidos e influencia percepções, ajudando o público a consumir informações com consciência social e crítica. Concordando assim, com os estudos da semiótica discursiva, que consegue fazer essa transformação a partir da Teoria Geral da Significação.

Neste sentido, a autora Emerim (2014) conceitua que:

A Semiótica Discursiva propõe-se a ser uma Teoria Geral da Significação bem como uma metodologia operatória para a descrição dos discursos e das práticas sociais. Estudar, portanto, o Telejornalismo a partir do olhar semiótico é considerar seu modo de produção de sentido, a maneira/forma que este se constrói para provocar significações e interpretações (Emerim, 2014, p. 07).

Portanto, busca-se entender como os sentidos são produzidos em qualquer texto, discurso ou prática social. Isto é, a semiótica discursiva não se limita à linguagem verbal, mas analisa sistemas de significação em propagandas, imagens, gestos, entre outros. Ou seja, como cita Emerim (2011, p.39), “outra forte tendência

que se percebe nos Estudos de Telejornalismo é uma preocupação em construir um campo de conhecimento para além das análises ideológicas e críticas”.

Os estudos sobre **Telejornalismo**¹ têm evoluído para além das críticas tradicionais – como manipulação, sensacionalismo ou viés ideológico – não se restringindo mais a denúncias sobre o telejornalismo como instrumento de poder político ou corporativo. As pesquisas contemporâneas exploram dimensões como linguagem, formatos, tecnologia, audiência e ética, ampliando para uma análise de discurso, estudos de recepção e semiótica.

É nesta complexidade crescente que se insere a reflexão destacada por Silva (2025), que afirma que:

A perspectiva calçada nos efeitos nos interessa justamente por não erigir nenhum tipo de origem delimitada para o modo como circulam os discursos no processo comunicativo. Há sempre uma dimensão paradoxal em que as tecnologias produzem uma determinada lógica ou imagem do pensamento e, ao mesmo tempo, são articuladas pela linguagem e por seu desenvolvimento histórico. Compreender determinado modo de expressão implica deslindar um tipo de configuração ambiental que articula linguagem e materialidade na mesma medida (Silva, 2025, p.51).

Essa nova abordagem reflete a investigação sobre o telejornalismo em sua complexidade, com o objetivo de perspectivas mais abrangentes e aprofundadas. Dessa forma, percebe-se que comunicação não é linear (não vai simplesmente de *"quem fala"* para *"quem ouve"*), mas um processo dinâmico, onde: 1- Tecnologias criam condições para certos tipos de discurso, 2- a linguagem e o contexto histórico dão significado a esses discursos e 3- os efeitos (como uma notícia viral ou uma fake news) são resultado dessa rede complexa de fatores.

Em um cenário cada vez mais midiático e fragmentado, Citelli (2007) conceitua que:

[...] aprender a ler os meios de comunicação, antes de procedimento tergiversar ou evasivo, é maneira de melhorar o grau de análise e reflexão acerca das várias faces da vida social, dos atos de consumo, das instâncias de cultura. Nesse ponto é que podemos promover a

¹ Significado de Telejornalismo: substantivo masculino Atividade jornalística que exerce o telejornal. Etimologia (origem da palavra telejornalismo). Tele + jornalismo. Disponível em: <
<https://www.dicio.com.br/telejornalismo/#:~:text=Significado%20de%20Telejornalismo,Tele%20%2B%20jornalismo>>. Acesso em: 27 de agosto de 2025.

conjunção entre novas formas de ler e compreender franqueadas pelos veículos de comunicação e suas linguagens complexas – no que se inclui a questão da diversidade cultural, tantas vezes sonogada, mascarada, idealizada ou mitificada pelas mídias – e os processos educadores formalizados pela escola (Citelli, 2007, p.10).

Em resumo, Citelli (2007) informa que a escola deve parar de ver a mídia como uma inimiga ou uma distração e usá-la como um objeto de estudo. Analisando um comercial na aula de português, debatendo a representação histórica em um filme na aula de história, ou criando um podcast sobre um tema de ciências. Ao fazer isso, a escola se torna mais relevante e prepara os alunos para entenderem o mundo complexo em que vivem, questionando estereótipos e sendo mais conscientes em seus atos de consumo e vida social.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA FÓRMULA 1

A *Fórmula 1* é um esporte automobilístico que teve muitas mudanças para conseguir fazer sua estreia em *Silverstone*, Inglaterra, no dia 13 de maio de 1950. Muitos investimentos foram realizados para que o esporte se auto-sustentasse durante os anos seguintes a partir de investimentos de patrocinadores e das empresas automotivas que estavam presentes no esporte, sendo elas: *Alfa Romeo*, *Ferrari*, *Maserati*, *ERA (English Racing Automobiles)*, *Talbot-Lago*, *Cooper* e *Scuderia Milano*.

Após o seu crescimento fora da Inglaterra nos anos consecutivos, a *Fórmula 1* passou por diversas alterações em seu regulamento de funcionamento. A Federação Internacional do Automobilismo (FIA), empresa desportiva que organiza vários esportes automobilísticos, incluindo a *Fórmula 1*, conseguiu se solidificar e expandir a sua fama ao redor do mundo. Fazendo com que pilotos que já corriam em outros esportes automotivos possuíssem o desejo de finalmente chegar à *Fórmula 1*. Contudo, para chegar ao ápice o piloto deveria passar pelas categorias de base e consolidar sua carreira vencendo esses campeonatos, que são eles: *Kartismo* (6–12 anos), *Fórmula 4* (14–16 anos), *Fórmula 3* (16–18 anos), *Fórmula 2* (18–21 anos) e a *Fórmula 1* (a partir de 21 anos, na maioria dos casos). Além disso, existe a *Fórmula 1 Academy*, que é uma vertente exclusiva para mulheres.

Algumas escuderias automobilísticas desenvolveram programas para jovens pilotos, possibilitando e facilitando a entrada de novos nomes no esporte, são elas: *Red Bull Junior Team (Red Bull)*, *Mercedes Junior Team (Mercedes)*, *Ferrari Driver Academy (Ferrari)*, *Alpine Academy (Alpine)* e *McLaren Young Driver Programme (McLaren)*. Entretanto, por ser um esporte no qual os pilotos necessitam ter uma renda financeira elevada, não é fácil que sua carreira se mantenha e cresça. Isso faz com que os pilotos precisem buscar patrocínio para continuar no esporte. No Brasil, diversos pilotos marcaram seus nomes na história da *Fórmula 1*.

Fazendo um resumo sobre os pilotos brasileiros, Duarte (2019) destaca *Emerson Fittipaldi*, *Nélson Piquet*, *Raul Boesel*, *Chico Landi*, *Manoel de Tefé*, *Fritz D'Orey*, *Hernando da Silva Ramos*, *Luiz Pereira Bueno*, *Wilson Fittipaldi Jr.*, *Ingo Hoffman*, *Alex Dias Ribeiro*, *Maurício Gugelmin*, *Rubens Barrichello*, *Gil de Ferran*, *André Ribeiro*, *Christian Fittipaldi*, *José Carlos Pace*, *Ricardo Rosset*, *Marcos Gueiros*, *Chico Serra*, família *Giaffone*, *Felipe Massa*, *Marco Greco* e, naturalmente, *Ayrton Senna da Silva*.

Senna é o brasileiro que conseguiu ser Tricampeão (1988, 1990 e 1991), alcançando a consagração da sua trajetória no automobilismo. Ele é lembrado até os dias atuais por diversas escuderias e pilotos, entre eles o piloto *Lewis Hamilton*, que é heptacampeão na categoria da *Fórmula 1*. No ano de 2024, foi realizada a homenagem a *Ayrton Senna* no autódromo de *Interlagos*, São Paulo, ano em que completaram-se 30 anos da sua morte. Na homenagem, *Hamilton* pilotou a *McLaren MP4/5B*, utilizada por *Senna* durante o título de 1990.

Hamilton disse em entrevista à *Fórmula 1 TV* que:

É muito, muito emocionante esse momento. Ouvindo o barulho desse motor, eu estava revisitando a minha infância, quando via o *Ayrton* correndo. Não acredito que tive a oportunidade de pilotar o carro do maior piloto de todos. E fazer isso na frente da torcida brasileira, que ficou ontem [sábado] o dia inteiro debaixo de chuva, e estão desde às 4h da manhã hoje... é um dia muito especial para mim, sou muito grato a todos que fizeram isso acontecer (*Hamilton*, 2024).

Lewis Hamilton sempre destacou em diversas matérias divulgadas o quão admira a história e legado de *Ayrton Senna*, desde sua infância até os dias de hoje. Também ressalta o seu amor pelo povo brasileiro, que lhe concedeu uma cidadania honorária dada pelo Congresso Nacional do Brasil em 2022. Para muitos

Brasileiros, Ayrton Senna sempre foi um ídolo esportista por toda sua trajetória de vida e na Fórmula 1. Como cita Nunes (2024), em uma matéria divulgada no *Mídia NINJA*:

O mundo nunca mais verá um piloto como Ayrton Senna. Seu talento era inegável aos olhos de todos que o assistiam, sua história de vida e legado jamais serão esquecidos por todos os fãs do esporte automobilístico. Senna sempre será o Rei da Chuva e um dos maiores pilotos do mundo (Nunes, 2024).

Guardado no coração de uma nação, *Senna* marcou gerações passadas e futuras, e será referência para todos que amam esse esporte e que o praticam. Como é o caso de Gabriel Bortoleto, brasileiro que está no grid de 2025 da *Fórmula 1*. Bortoleto tornou-se uma promessa do automobilismo brasileiro após vencer a *Fórmula 3* e a *Fórmula 2* consecutivamente. Fazendo um marco histórico na sua carreira.

5 CURVA DO ATIVISMO NA SOCIEDADE

Lewis Carl Davidson Hamilton, nasceu em 07 de janeiro de 1985, na cidade de Stevenage na Inglaterra. Aos 6 anos de idade, Hamilton ganhou um carro de corrida da modalidade *Kart* de presente de Natal do seu pai, *Anthony Hamilton*. Com isso, sua paixão e talento no automobilismo começou a ser visível para todos que o conheciam, aos 8 anos ele entrou efetivamente para disputar no *Kart*.

Durante seu período no *Kart*, passou por diversas dificuldades, já que o seu pai havia sido demitido da empresa na qual trabalhava. Seu pai chegou a trabalhar em três empregos para manter o filho no esporte. Contudo, com 11 anos de idade *Lewis* venceu a série *McLaren Champion of the Future*, marcando seu nome para as grandes montadoras e chamando a atenção de vários patrocinadores.

Com 15 anos, *Hamilton* disputou a *Fórmula A* (atualmente *KF1*) e saiu vencedor, consolidando sua carreira cada vez mais no esporte. Em 2006, ele foi campeão da *GP2* (atualmente *Fórmula 2*) e foi anunciado como piloto da McLaren na Fórmula 1 para a temporada de 2007, fazendo sua estreia no dia 18 de março de 2007 e ficando em 2º lugar no campeonato mundial de 2007 dos pilotos.

No ano de 2008, ganhou seu primeiro título no mundial de pilotos da *Fórmula 1*, com a escuderia da *McLaren*, a qual saiu no ano de 2014, sendo contratado no mesmo ano pela Mercedes. Na *Mercedes*, *Hamilton* ganhou os títulos do mundial de pilotos do campeonato nos anos de 2014, 2015, 2017, 2018, 2019 e 2020, tornando-se Heptacampeão no esporte ao lado de *Michael Schumacher*.

Apesar da *Fórmula 1* ser um esporte espetáculo, é notório que grande maioria dos fãs dessa modalidade automobilística, não conseguem enxergar como o sistema de exclusão opera para que pessoas de classes sociais baixas não participem e nem entrem nesse ambiente, por ser um esporte extremamente elitista.

De acordo com o pensamento da escritora Cida Bento (2024, p.14) “as organizações constroem narrativas sobre si próprias sem considerar a pluralidade da população com a qual se relacionam, que utiliza seus serviços e que consome seus produtos”. Se a *Fórmula 1* atinge diversos públicos mundialmente, porquê na sua grade de pilotos só tem a representação do britânico Lewis Hamilton, o qual é o único negro da história da *Fórmula 1*?

Segundo Bento (2024), esse fenômeno chama-se branquitude e a sua perpetuação ocorre através de um pacto de cumplicidade entre as pessoas brancas e privilegiadas. Para a autora, mesmo que elas compitam entre si, essa competição ocorre entre segmentos que consideram “iguais”. Esse pensamento se faz presente no meio automobilístico, já que não se viabiliza a entrada de pessoas fora dos padrões em um ambiente dominado por pessoas brancas e ricas. Além disso, esses aspectos não eram debatidos até a entrada de *Lewis*, e o começo de suas falas e atos de apoio aos movimentos sociais repercutindo em grande escala.

Para a exemplificação desse ato imposto por essas pessoas privilegiadas, Bento (2024) cita que:

Os pactos narcísicos exigem a cumplicidade silenciosa do conjunto dos membros do grupo racial dominante e que sejam apagados e esquecidos os atos anti humanitários que seus antepassados praticaram. Devem reconstruir a história positivamente e assim usufruir da herança, aumentar os ativos dela e transmiti-los para as próximas gerações. As instituições são constituidoras, regulamentadoras e transmissoras desses pactos, que em sua essência são coletivos. Os movimentos sociais, igualmente marcados pela coletividade, são ameaçadores, pois os identificam, denunciam, exigem reparação (Bento, 2024, p. 86).

O pacto narcísico, teoria desenvolvida por Bento (2024), em seu livro, revela que as pessoas brancas de uma determinada camada social, compactuam entre si para garantir seus privilégios, e não permitem que pessoas de etnia diferente entrem em seu meio, excluindo pessoas de diversos outros segmentos sociais. Ribeiro (2019) acrescenta que pessoas negras não são todas iguais e que um único negro, por melhor que seja, não pode representar todos os negros. Dessa forma, ela acredita que é preciso romper com a estratégia de “negro único”.

Com isso, Davis (2023), corrobora com Ribeiro quando evidencia que mesmo dentro do racismo existem distinções. Um negro retinto, com traços mais marcantes, não é aceito como os negros com traços próximos às características de pessoas brancas. Isso também é visto na trajetória de *Hamilton*, que quando evidencia em seu corpo e cabelo trançados e crenças da sua raça, a exemplo de suas tranças ou *black-power* nos cabelos, é visto com estranhamento pela mídia e pelo público.

Dentro desse contexto, os espaços precisam ser viabilizados de maneira igualitária, para que pessoas negras consigam chegar em todos os lugares que elas almejam. Os movimentos antirracistas, feministas, LGBTQIAPN+, de apoio ao veganismo, dentre outros, levantados por Hamilton, são espaços de debates sociais não abordados comumente. Segundo Ribeiro (2019, p.21) não deve-se ter “medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir o seu sentido e as suas implicações.

Realizar a educação para consciência crítica é essencial para o desenvolvimento social dos indivíduos. Hooks (2019) corrobora afirmando que:

Nós podemos ver a necessidade de um tipo de educação para a consciência crítica que pode capacitar quem dispõe do poder e do privilégio baseados nas estruturas de dominação a abrir mão deles sem precisar se ver como vítima (Hooks, 2019, p. 45).

Dessa forma, faz-se pertinente analisar como o *Lewis* aborda essas temáticas, com atos simbólicos na *Fórmula 1*, e compreendê-los a partir dos estudos teóricos da semiótica discursiva torna-se o objetivo principal desta pesquisa. O projeto debruça-se no entendimento de como um homem negro, que lutou para continuar dentro desse esporte, pode ser um exemplo revolucionário para

a classe dominante, de modo a enfatizar que a oferta da oportunidade muda realidades.

Além disso, compreender como a comunicação crítica pode transformar as ideias e abrir espaços para debates sociais é uma das vertentes da educomunicação, transformando pessoas em seres críticos midiaticamente, socialmente e culturalmente. Como exemplifica Pereira (2012, p. 235), “a educação midiática contribui com os alunos para uma cidadania capaz de reconhecer os problemas de seu entorno sociocultural e intervir responsavelmente na melhoria deles”. Compreender o sistema de exclusão da *Fórmula 1* deveria ser uma realidade para todos os fãs desse esporte.

Para pessoas ativistas, enxergar todos os movimentos que *Hamilton* defendia ganhando voz era extremamente importante, se ver representado é a esperança de que as bandeiras desses movimentos podiam ser vistas em todos os espaços. Como cita Ochs (2019, p. 9) “para um grupo minoritário, ver-se representado na mídia é a possibilidade de ver modelos positivos e fontes de inspiração. É também a possibilidade de desafiar o status quo e trazer novas ideias para a sociedade”. Desafiar as leis e regras da FIA, foi uma atitude grandiosa e respeitada por todos os ativistas.

Hooks (2019) nos convida a uma descolonização do olhar exigindo um autorreconhecimento, quando cita que:

De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (Hooks, 2019, p.29).

Esse pensamento corrobora com todo o movimento levantado por *Hamilton* dentro e fora da *Fórmula 1*, levantar uma bandeira não é apenas um ato próprio, é também, mostrar para uma determinada camada social o que o racismo estrutural - por exemplo - fez e faz com pessoas pretas. Hooks (2019, p; 29-30) também destaca que existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e

mantém a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos.

Dito isto, a FIA (*Fédération Internationale de l'Automobile*) colocou em seu código que declarações políticas, religiosas e pessoais que violem a neutralidade das competições serão consideradas quebra de regulamento. Com essa quebra, os pilotos podem perder posições na grade de pontuação geral do Campeonato Mundial de Pilotos e de Equipe.

Segundo o artigo divulgado pela FIA:

O artigo 12.2.1 do novo código esportivo afirma que violará as regras “a realização e exibição geral de declarações ou comentários políticos, religiosos e pessoais que estejam claramente violando o princípio geral de neutralidade promovido pela FIA em seus estatutos, a menos que previamente aprovados por escrito pela FIA para competições internacionais ou pela ASN (Autoridade Esportiva Nacional), para competições internacionais dentro da sua jurisdição”.²

O piloto mais afetado no esporte, foi *Lewis Hamilton*, que se tornou porta-voz de movimentos sociais - antirracistas e contra LGBTQIAPN+fobia - como também promover a diversidade dentro do esporte a motor. Com a proibição da FIA, *Hamilton* ficou impossibilitado de fazer manifestações dentro da *Fórmula 1*. Diante disso, *Hamilton* falou que “Seria idiota da minha parte dizer que eu quero receber punições por me pronunciar sobre as coisas. Mas eu continuarei falando o que penso. Ainda temos essa plataforma, há muitas coisas que precisamos resolver. O apoio de Stefano (*Domenicali*, presidente da *F1*) é algo que tem sido incrível. Acho que todos os pilotos estão alinhados sobre liberdade de expressão”³.

Em contrapartida, no ano de 2023, a FIA realmente instaurou a lei para que os pilotos pedissem autorização à entidade antes de realizar qualquer tipo de movimento ativista na *Fórmula 1*. O que seria isso senão o silenciamento da liberdade de expressão dos pilotos nesse esporte incrivelmente elitista e excludente? Em entrevista à Revista Cult (2022), Cida Bento reafirma que "O pacto da branquitude é um acordo tácito, não escrito, entre pessoas brancas para manter

² Citação disponível em: < https://www.espn.com.br/f1/artigo/_id/11390544/fia-proibe-pilotos-de-fazerem-manifestacoes-politicas-religiosas-e-pessoais-sem-autorizacao >. Acesso em: 02 de setembro de 2025.

³ Hamilton fala em entrevista em 2023 sobre a proibição da FIA. Disponível em: < <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/02/16/hamilton-nao-teme-punicao-por-ativismo-na-f1-continuarei-falando.ghtml> >. Acesso em: 02 de setembro de 2025.

seus privilégios e a estrutura racial hierárquica, mesmo que isso signifique silenciar diante do racismo ou reproduzi-lo de forma sutil."

A luta contra a hegemonia do pensamento de pessoas brancas sobre movimentos sociais, ressalta como as pessoas ativistas sofrem para conseguir mostrar as desigualdades insaturadas no mundo, e assim que tentam fazê-las, são silenciadas; como no caso de *Lewis Hamilton*.

É nesse contexto de luta incessante e frustrações recorrentes que Hooks (2019) oferece uma reflexão profundamente honesta e urgente, declarando que:

É claro, aqueles entre nós comprometidos com a luta da libertação dos negros, com a liberdade e a autonomia de todas as pessoas negras, precisam encarar todos os dias a realidade trágica de que, coletivamente, realizamos poucas revoluções em termos de representação racial — se é que fizemos alguma (Hooks, 2019, p.28).

A autora exemplifica que apesar das lutas de libertação negra, houveram pouquíssimas ou nenhuma mudança revolucionária real da representação racial, ou seja, o poder continua concentrado majoritariamente nas mãos de pessoas brancas. Alertando assim, que devem existir ações mais efetivas para que os movimentos sociais cresçam e façam realmente a diferença na sociedade.

6 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A pesquisa é descritiva com a abordagem qualitativa, a qual permite uma análise detalhada quanto a semiótica visual (imagens, símbolos, ícones, cores, vestimenta, cenário, objetos, texturas, etc) e semiótica discursiva (texto e expressões verbais que dão sentido ao conteúdo). Esses modelos de análises permitirão entender o viés comunicativo crítico que Lewis Hamilton utiliza.

O projeto está organizado em 3 seções: a) a revisão da literatura, que traz conceitos sobre Fórmula 1, educomunicação, comunicação crítica, educação midiática, racismo estrutural, ativismo, representação, dentre outros; b) o levantamento de dados, com todos os procedimentos e critérios de escolha para as análises que foram realizadas, e c) a discussão, com a interpretação das imagens a partir da semiótica e dos critérios estabelecidos no levantamento de dados a partir de um quadro com diretrizes de análise das imagens desenvolvido pela autora.

6.1 Análises semióticas das imagens de Lewis Hamilton

Partindo para as análises semióticas das imagens, tendo os pensamentos dos autores utilizados como diretrizes para o desenvolvimento teórico conceitual desta pesquisa, entende-se assim que a imagem percorre todo o processo da significação semiótica; tanto no que tange a sua materialidade concreta, quanto a sua reconstrução mental no ato interpretativo. A análise das imagens sob a perspectiva da semiótica de **Charles Sanders Peirce** (1839-1914) e de **Algirdas Julien Greimas** (1917–1992) permite articular os modos de produção de sentido visual com as estruturas narrativas subjacentes à representação.

Na abordagem **peirceana**, os elementos da imagem são compreendidos como **signos** constituídos por **representamen**, **objeto** e **interpretante**, classificados em **ícones (por semelhança)**, **índices (por contiguidade)** e **símbolos (por convenção, que envolve sociedade e cultura)**. Essa classificação possibilita identificar como os significados são construídos a partir da relação entre o que é mostrado e o que é representado.

Já a semiótica estrutural de **Greimas** propõe instrumentos como o **modelo actancial**, que organiza os elementos da narrativa em papéis funcionais: **sujeito**, **objeto**, **adjuvante**, **oponente**, **destinador** e **destinatário**, que revelam as oposições conceituais que estruturam o sentido. Ao combinar essas duas abordagens, a análise da imagem torna-se mais abrangente, permitindo compreender tanto os mecanismos simbólicos quanto a lógica narrativa que sustentam sua significação.

6.2 Diretrizes para análise das imagens

Para avaliar as imagens que são o objetivo principal desta pesquisa, foi desenvolvida uma tabela com diretrizes estabelecidas para realizar as análises. No Quadro 3 consta os modelos de análise semiótica de **Charles Peirce** (1839-1914) e de **Algirdas Julien Greimas** (1917–1992). Dito isto, o quadro configura-se com uma coluna à esquerda que detalha os **tópicos para análise**, a central, que define

a **perspectiva de Peirce** e outra a coluna à direita que esboça a **perspectiva de Greimas** (1917-1992).

Como também, busca-se responder as perguntas norteadoras desenvolvidas pela autora da pesquisa, que são "*Como esta imagem significa?*" e "*Que história esta imagem conta?*". De acordo com o pensamento dos teóricos Peirce e Greimas.

Quadro 3: Diretrizes para análise semiótica das imagens de Lewis Hamilton.

Tópicos para análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Processo de significação: como o signo produz sentido	Estrutura narrativa: como os elementos se organizam no enredo
2. Objeto de análise:	O signo e sua relação com objeto e interpretante	Papéis/funções narrativas e oposições de sentido
3. Unidade básica:	Signo (representamen, objeto, interpretante)	Funções narrativas (sujeito, objeto, adjuvante, oponente, destinador e destinatário)
4. Classificação:	Ícone, índice, símbolo (segundo a relação com o objeto)	Estrutura funcional e relacional
5. Aplicação à imagem:	Identificar elementos visuais e o tipo de signo que representam	Identificar funções narrativas e tensões estruturais
6. Tipo de leitura:	Interpretativa e fenomenológica	Estrutural e relacional

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

6.3 Análise das imagens

Ao seguir o modelo de análise do Quadro 3 para todas as imagens selecionadas para análises, inicia-se a partir da imagem da Figura 1, de 2020, que ilustra o piloto *Lewis Hamilton* no *GP* da Turquia.

Figura 1: *Lewis Hamilton* no *GP* da Turquia (2020).



Fonte: *Getty Images* (2020). Disponível em:

<https://gq.globo.com/Esporte/noticia/2021/04/lewis-hamilton-o-ativista-5-manifestacoes-politicas-e-sociais-do-maior-piloto-da-f-1.html> . Acesso em: 11 de set. de 2025.

Quadro 3: Análise de Figura 1: *Lewis Hamilton* no *GP* da Turquia (2020).

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de empoderamento negro.	Na estrutura narrativa percebemos que a camiseta do movimento “black lives matter” produz uma luta social.
2. Objeto de análise:	Signo: O rosto levantado em sinal de empoderamento, objeto: A camiseta do movimento social, interpretante: A ideia de justiça social para esse movimento.	Oposições: Determinação vs. insegurança. Funções: O piloto (Sujeito) busca justiça social (Objeto).

<p>3. Unidade básica:</p>	<p>A camiseta (Representamen) remete a movimento social (Objeto) e gera a ideia de justiça social (Interpretante).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ato simbólico ao movimento social. ● Destinator: Seu apoio ao movimento. ● Destinatário: Comunidade de pessoas pretas. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: Pessoas que não apoiam movimentos sociais.
<p>4. Classificação:</p>	<p>Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é um homem preto lutando pelo movimento social (índice), o punho cerrado do “black lives matter” em sua camisa (símbolo)</p>	<p>Em busca de representação e exposição do movimento dentro da Fórmula 1 e na mídia.</p>
<p>5. Aplicação à imagem:</p>	<p>1- Cabeça elevada: sinal de empoderamento pessoal (índice), 2- cores da camiseta: Remetem a bandeiras do continente Africano, junto com o punho cerrado que remete ao movimento “black lives matter” (símbolo).</p>	<p>Funções: Hamilton é o sujeito. Ato simbólico ao movimento social é o objeto. Seu apoio ao movimento é o destinator. A Comunidade de pessoas pretas são os destinatários. A mídia como auxílio como o Adjuvante. Pessoas que não apoiam movimentos sociais Oponente.</p> <p>Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto</p>

		com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato
6. Tipo de leitura:	O punho cerrado significa: o movimento “black lives matter”, as cores da camiseta: remetem a bandeiras dos países Africanos, o olhar para cima: significa empoderamento pessoal.	Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto levando para dentro de um esporte elitista e branco o movimento social de luta racial.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A foto foi anexada em uma matéria jornalística escrita pela Redação GQ, no veículo de comunicação GQ - Globo, intitulada como “*Lewis Hamilton, o ativista. 5 manifestações políticas e sociais do maior piloto da F-1*”, no ano de 2021. O contexto da imagem é de Lewis no GP da *Fórmula 1* na Turquia em 2020, nesse período o mundo vivia uma polaridade política e críticas sociais e emergenciais sobre questões de saúde e ambientais. Muitas vidas estavam sendo negligenciadas com o processo sanitário da *COVID-19*.

Na ocasião *Lewis* veste uma camisa de mangas longas preta, o desfoque no fundo realça Hamilton olhando para o horizonte, andando com o macacão aberto, com um ícone representando uma mão fechada ao centro, com a frase “*Black lives*” na parte superior ao símbolo e “*matter*” na parte inferior. A frase completa faz referência a um movimento que defende “*vidas negras importam*”, que traz a luta e a importância de vidas negras, que são historicamente uma das mais invisibilizadas e negligenciadas pela sociedade. Além disso, as cores que contornam o ícone da mão com punho fechado, são de matrizes da cultura e de muitas bandeiras do continente africano, trazendo outras simbologias associadas.

Já na análise semiótica na perspectiva de Peirce essa imagem significa uma simbologia de apoio ao movimento “*vidas negras importam*” dentro do contexto que ela foi retirada. Greimas por outro lado, possibilita que pensemos na história que essa imagem conta, como o contexto de um período pandêmico que negligenciou essas vidas, como também as situações que aconteceram nesse ano, como a morte de *George Floyd*, por exemplo.

Na imagem da Figura 2, visualiza-se o piloto no dia do primeiro GP da Toscana, em 20 de setembro de 2020, protestando, antes da corrida e do pódio.

Figura 2: Lewis com camisa pedindo a prisão dos policiais que mataram Breonna Taylor e que desencadeou reações dentro da F1.



Fonte: Instagram (2020). Disponível em:

<https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/formula1/os-protestos-de-lewis-hamilton-na-f1-realm-ente-fazem-alguma-diferenca.987de62d8dcbc2ad246ff5b7b09bfcbb6x2zp7is.html> . Acesso em: 11 de set de 2025.

Quadro 4: Análise de Figura 2: Lewis com camisa pedindo a prisão dos policiais que mataram Breonna Taylor e que desencadeou reações dentro da F1.

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de justiça para a morte de Breonna Taylor.	Na estrutura narrativa percebemos que a camiseta escrita (em tradução) “Prendam os policiais que mataram Breonna Taylor” produz uma busca por justiça.
2. Objeto de análise:	Signo: Hamilton ajoelhado como um ato de respeito, objeto: A camiseta pedindo justiça para Breonna,	Oposições: Respeito vs. violação Funções: O piloto (Sujeito) busca justiça social (Objeto).

	interpretante: A ideia de não deixar os criminosos impunes.	
3. Unidade básica:	A camiseta (Representamen) remete a um pedido de justiça (Objeto) e gera a ideia de ato simbólico de memória (Interpretante).	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ato simbólico em busca de justiça. ● Destinator: Seu apoio a prisão dos policiais. ● Destinatário: Família de Breonna que lutava por justiça. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: Policiais corruptos que não estavam movimentando o caso.
4. Classificação:	Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é um homem preto lutando por justiça para uma mulher preta morta injustamente (índice), a frase “prendam os policiais que mataram Breonna Taylor” e as camisetas dos colegas da Fórmula 1 escritas “fim do racismo” (símbolo)	Em busca justiça para a morte de Breonna dentro da Fórmula 1 e na mídia.
5. Aplicação à imagem:	1- Ele está ajoelhado: pedido de justiça (índice), 2- Camiseta pedindo a prisão dos policiais (símbolo).	Funções: Hamilton é o sujeito. Pedido de justiça para Breonna é o objeto. Seu apoio à prisão dos policiais é o destinator. A família de Breonna são os destinatários.

		<p>A mídia como auxílio como o Adjuvante. Os policiais corruptos Oponente.</p> <p>Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato.</p>
6. Tipo de leitura:	<p>Estar ajoelhado significa: respeito em memória a Breonna. A frase da camiseta significa: um pedido de justiça.</p>	<p>Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto levando para dentro de um esporte elitista e branco o pedido de justiça para uma mulher preta que foi assassinada injustamente.</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Esta foto foi anexada em uma matéria no portal de notícias Terra, foi feita por *Fred Girnos*, em 2023, intitulada “*Os protestos de Lewis Hamilton na F1 realmente fazem alguma diferença?*”. No contexto da imagem, *Hamilton* está realizando um manifesto no *GP* de Toscana em 2020, com alguns colegas de equipe.

Lewis está de cabeça elevada (na altura do horizonte) e ajoelhado, trajando uma camisa que pedia uma punição aos assassinos de *Breonna Taylor*. A frase “*arrest the cops who killer Breonna Taylor*”, em tradução, diz: “prendam os policiais que mataram *Breonna Taylor*”. Ao lado dele há mais dois homens de outras equipes, a esquerda *Charles Leclerc*, piloto da *Ferrari* e a direita *Pierre Gasly*, da *Scuderia AlphaTauri*, que trajam camisetas com a frase “*end racism*” em inglês (tradução: *fim do racismo*), reforçando e acolhendo a luta antirracista de *Hamilton*. No pódio, o heptacampeão cobrou a prisão dos policiais que assassinaram a socorrista afro-americana.

Essa imagem conta a história de um fato que foi a morte de *Breonna Taylor*, o caso estava sendo abafado pelas mídias e pela justiça dos Estados Unidos. A imagem significa um pedido de justiça e punição para os responsáveis pela morte da mulher. Respondendo assim, às perguntas de *Pierce* e *Greimas*.

Diante do ocorrido, a FIA instaurou uma regra que obriga os pilotos a usarem somente o macacão, fechado até o pescoço, na cerimônia, um tipo de retaliação ao ocorrido, deixando claro que atitudes de protesto não são bem vindas nessas premiações.

Na terceira imagem (Figura 3), o piloto está trajando o capacete em prol da luta antirracista com a seguinte frase *"Black Lives Matter"*, em tradução: *"vidas negras importam"*.

Figura 3: *Lewis Hamilton* no GP da Espanha em 2020, com o capacete em apoio ao movimento *"Vidas Negras Importam"*.



Fonte: The Guardian (2020). Disponível em:

<https://blog-formula1.com/2022/07/29/sejamos-como-olho-de-tigre/> . Acesso em 11 de set. de 2025.

Quadro 5: Análise de Figura 3: *Lewis Hamilton* no GP da Espanha em 2020, com o capacete em apoio ao movimento *"Vidas Negras Importam"*.

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de respeito ao movimento.	Na estrutura narrativa percebemos que o capacete do movimento "black lives matter" produz uma luta social.
2. Objeto de análise:	Signo: Apontar para o símbolo do movimento no capacete, objeto: O capacete com o símbolo do movimento social,	Oposições: Vitória vs. insegurança. Funções: O piloto (Sujeito) busca

	interpretante: A ideia de dar visibilidade ao movimento.	reconhecimento para o movimento (Objeto).
3. Unidade básica:	O capacete (Representamen) remete a movimento social (Objeto) e gera a ideia de visibilidade ao movimento (Interpretante).	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ato simbólico ao movimento social. ● Destinator: Seu apoio ao movimento. ● Destinatário: Comunidade de pessoas pretas. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: Pessoas que não apoiam movimentos sociais.
4. Classificação:	Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é um homem preto lutando pelo movimento social (índice), o símbolo do “black lives matter” em seu capacete (símbolo)	Em busca de representação e exposição do movimento dentro da Fórmula 1 e na mídia.
5. Aplicação à imagem:	1- Cabeça abaixada: sinal de respeito (índice), 2- apontar para o símbolo do movimento para visibilidade (símbolo).	Funções: Hamilton é o sujeito. Ato simbólico ao movimento social é o objeto. Seu apoio ao movimento é o destinator. A Comunidade de pessoas pretas são os destinatários. A mídia como auxílio como o Adjuvante. Pessoas que não apoiam movimentos sociais Oponente.

		Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato
6. Tipo de leitura:	O símbolo do punho cerrado significa: o movimento “black lives matter”, apontando para o capacete após ganhar a corrida: remete a dar visibilidade ao movimento.	Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto levando para dentro de um esporte elitista e branco o movimento social de luta racial.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A imagem está presente em uma matéria jornalista do site Blog Fórmula 1, produzida pela redação do veículo, feita em 2021, intitulada “*sejamos como olho de tigre*”, fazendo alusão a canção “*olho de tigre*” do cantor de rap *Djonga*⁴. Essa música faz alusão a luta antirracista.

No capacete de *Hamilton*, observa-se em branco o punho cerrado e o nome “*black liver matter*” que é um movimento antirracista que ganhou força após *George Floyd* ser morto asfixiado por polícias nos Estados Unidos. Na foto o piloto faz o gesto após ter ganhado a corrida do *GP* da Espanha em 2020,⁵ aponta para o símbolo que traduz esse movimento, chamando a atenção do público e da mídia para o seu discurso.

A imagem está significando, no seu contexto histórico, um pedido de justiça de *Hamilton* por meio do movimento “*vidas negras importam*” após a morte de *Floyd*, que marcou o início de uma luta em busca de justiça contra as autoridades que não estavam movimentando o caso e punindo os assassinos.

Apesar de *Hamilton* ter sido silenciado de outras maneiras, ainda encontra meios de trazer questões sociais que são importantes para a sua constituição como ser humano e atleta. Ele levou diversos movimentos ao topo mais alto do pódio em todas as vezes que conseguiu.

⁴ Música disponível em: <https://www.lettras.mus.br/djonga/olho-de-tigre/>

⁵ Hamilton após ganhar o GP da Espanha em 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Pr%C3%AAmio_da_Espanha_de_2020>. Acesso em: 10 de set. de 2025.

Através da Figura 4, *Lewis Hamilton* se manifesta novamente a partir do seu capacete, agora no GP do Catar, em novembro de 2021. Utilizando as cores da bandeira LGBTQIAPN+, o piloto protestou contra a perseguição que a comunidade sofre no Catar e na Arábia Saudita.

Figura 4: *Hamilton* com o capacete da bandeira LGBTQIAPN+ no GP do Catar (2021).



Fonte: *Instagram* (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWd0FNWJnGE/> . Acesso em: 11 de set. de 2025.

Quadro 6: Análise de Figura 4: *Hamilton* com o capacete da bandeira LGBTQIAPN+ no GP do Catar (2021).

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de representatividade para as pessoas LGBT's no Catar.	Na estrutura narrativa percebemos que usar um capacete com a bandeira LGBT é um sinal de representatividade, já que no Catar é proibido fazer movimentos de apoio a comunidade.
2. Objeto de análise:	Signo: a frase da postagem "nós continuamos juntos", objeto: o capacete com a	Oposições: Respeito vs. violação. Funções: O piloto

	bandeira LGBT, interpretante: A ideia de trazer representatividade para essas pessoas.	(Sujeito) busca representatividade (Objeto).
3. Unidade básica:	O capacete (Representamen) remete a um ato de apoio (Objeto) e gera a ideia de representar pessoas LGBT's (Interpretante).	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ato simbólico em busca de representatividade. ● Destinator: Seu apoio a pessoas LGBT's. ● Destinatário: Comunidade LGBT. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: Pessoas de poder homofóbicas.
4. Classificação:	Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é um homem preto em busca de respeito e presentatividade (índice), para pessoas LGBT's com a bandeira do movimento no capacete (símbolo).	Em busca respeito a diversidade LGBT no Catar, dentro da Fórmula 1 e na mídia.
5. Aplicação à imagem:	1- A frase da foto informando respeito e apoio (índice), 2- Capacete LGBT para apoiar o movimento (símbolo).	Funções: Hamilton é o sujeito. Representando o movimento LGBT é o objeto. Seu apoio à comunidade LGBT é o destinator. Pessoas LGBT's são os destinatários. A mídia como auxílio como o Adjuvante. Pessoas homofóbicas são o Oponente.

		Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato.
6. Tipo de leitura:	Correr com o capacete com a bandeira LGBT significa: respeito e busca de representatividade para essas pessoas e movimentos.	Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto levando para dentro de um esporte elitista e excludente o pedido de visibilidade para a comunidade LGBT.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A imagem foi postada pelo piloto em sua rede social oficial do Instagram, no qual escreveu na legenda *“we stand together”*, em tradução: *“nós permanecemos juntos”*, em 19 de novembro de 2021, com mais de 800 mil curtidas.

Na imagem da figura 4, *Hamilton* está entrando em seu *cockpit* para a corrida no *Catar* em 2021. A foto com tons escuros e desfoque de fundo ressalta a bandeira LGBTQIAPN+⁶, presente em seu capacete, a bandeira é o símbolo que representa apoio à comunidade. Nos comentários da publicação, observamos um comentário que em tradução diz: *“Tornar-se vegano significaria colocar em prática as teorias de respeito pela diversidade? Obrigado @lewishamilton por dar voz e defender aqueles que não podem se defender”*. Mostrando o apoio social que *Hamilton* tinha quando podia expressar seu ativismo em diversas causas.

A história por trás dessa imagem é que no *Catar* todo apoio à comunidade LGBT é proibido⁷ e as pessoas podem ser presas por até 3 anos ou mortas por autoridades locais. Essa perseguição é feita culturalmente a anos, *Hamilton* mostra

⁶ Bandeira LGBTQIAPN+. Disponível em: <https://www.google.com/imgres?q=bandeira%20lgbt&imgurl=https%3A%2F%2Fstatic.dicionariodesimbolos.com.br%2Fupload%2F2a%2Ffe%2Fsignificado-da-bandeira-lgbt-e-sua-historia-8_xl.png&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.dicionariodesimbolos.com.br%2Fsignificado-bandeira-lgbt-e-historia%2F&docid=rzm8GhGhquWpZM&tbnid=v-LI0IRTcRR-dM&vet=12ahUKEwi1uObgyM6PAxVurZUCHYOnLb8QM3oECCIQA..i&w=620&h=420&hcb=2&ved=2ahUKEwi1uObgyM6PAxVurZUCHYOnLb8QM3oECCIQA> . Acesso em: 10 de set. de 2025.

⁷ Proibição no *Catar* de apoio a comunidade LGBT. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/LGBTQ_rights_in_Qatar>. Acesso em: 11 de set. de 2025.

seu apoio às pessoas LGBT's no país, colocando em debate as injustiças que eles sofrem.

Já na Figura 5, *Hamilton* está participando ativamente de um protesto nas ruas de Londres, dia 21 de junho de 2020, ainda no contexto da pandemia, em prol do movimento “*Black Lives Matter*”. Diz *Hamilton* em entrevista⁸: “*Queria chegar ao fim dessas corridas primeiro para que pudesse dar lugar a essa plataforma, colocá-la o máximo possível sob os holofotes*”.

Figura 5: *Lewis Hamilton* participando de protesto contra a violência policial em Londres (2020)



Fonte: *Instagram* (2020). Disponível em:

https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/formula1/os-protestos-de-lewis-hamilton-na-f1-realm-ente-fazem-alguma-diferenca_987de62d8dcbc2ad246ff5b7b09bfcbb6x2zp7is.html . Acesso em: 11 de set de 2025.

⁸ Entrevista com Hamilton intitulada “Lewis Hamilton, o ativista. 5 manifestações políticas e sociais do maior piloto da F-1”. Disponível em:

<<https://gq.globo.com/Esporte/noticia/2021/04/lewis-hamilton-o-ativista-5-manifestacoes-politicas-e-sociais-do-maior-piloto-da-f-1.html>> . Acesso em: 10 de set. de 2025.

Quadro 7: Análise de Figura 5: *Lewis Hamilton* participando de protesto contra a violência policial em Londres (2020)

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de empoderamento negro.	Na estrutura narrativa percebemos que o Hamilton estar participando de uma manifestação remete a luta social.
2. Objeto de análise:	Signo: O rosto levantado em sinal de empoderamento, objeto: o punho cerrado em respeito ao movimento, interpretante: A ideia de justiça social para esse movimento.	Oposições: Determinação vs. insegurança. Funções: O piloto (Sujeito) busca justiça social (Objeto).
3. Unidade básica:	O punho cerrado (Representamen) remete ao movimento “black lives matter” (Objeto) e gera a ideia de justiça social (Interpretante).	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ir para a manifestação de apoio ao movimento social. ● Destinator: Seu apoio ao movimento. ● Destinatário: Comunidade de pessoas pretas. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: Violência policial.
4. Classificação:	Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é	Em busca de justiça social para o movimento.

	um homem preto lutando pelo movimento social (índice), o punho cerrado do “black lives matter” (símbolo)	
5. Aplicação à imagem:	1- Cabeça elevada: sinal de empoderamento pessoal (índice), 2- Punho cerrado: remete ao movimento social “black lives matter” (símbolo).	Funções: Hamilton é o sujeito. Ato simbólico ao movimento social é o objeto. Seu apoio ao movimento é o destinador. A Comunidade de pessoas pretas são os destinatários. A mídia como auxílio como o Adjuvante. Pessoas que não apoiam movimentos sociais Oponente. Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato
6. Tipo de leitura:	O punho cerrado significa: o movimento “black lives matter”, o olhar para cima: significa empoderamento pessoal.	Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto buscando justiça contra a violência policial.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A imagem foi anexada na matéria jornalística do portal de notícias Terra, foi escrita por *Fred Girnos*, em 2023, e intitulada “*Os protestos de Lewis Hamilton na F1 realmente fazem alguma diferença?*”. No contexto da fotografia, *Hamilton* está participando de um protesto em prol do movimento antirracista “*vidas negras importam*” em Londres - Inglaterra, no ano de 2020.

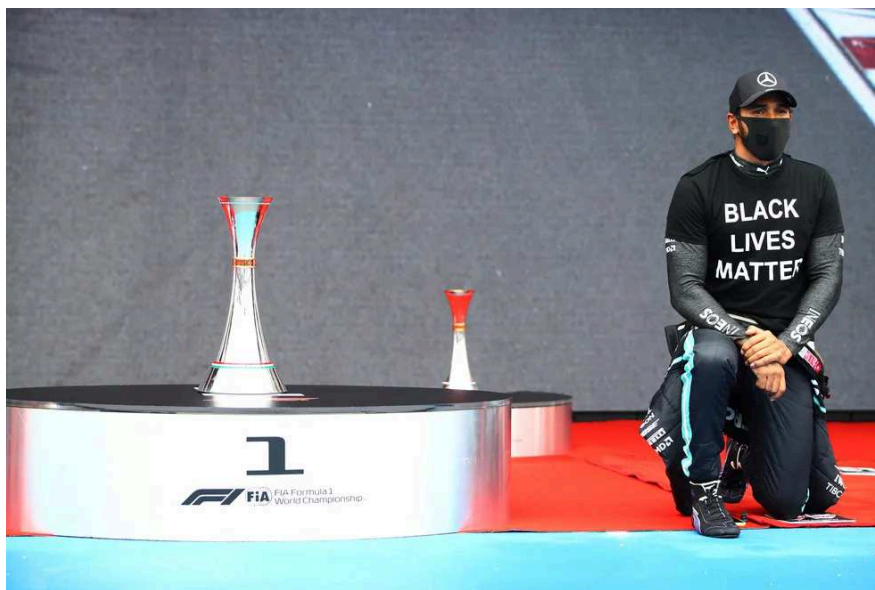
Na imagem da figura 5, *Hamilton* está de óculos escuros, bandana amarrada entre o nariz e boca, com o punho cerrado erguido para o céu. Esse signo do punho fechado faz alusão diretamente ao movimento “*black lives matter*”. Na imagem, observa-se a diversidade de pessoas atrás dele, com máscaras (devido ao período pandêmico da *COVID-19*), com cartazes em suas mãos e juntando-se à

aglomeração. A participação dele, enquanto ser humano, mas também enquanto super celebridade, coloca em destaque e em debate a manifestação antirracista.

A imagem conta a história e significa muito mais do que um homem negro lutando pelos direitos de sua comunidade, simboliza que *Hamilton* se colou no lugar dessas pessoas apesar de não pertencer mais socialmente a essa realidade. Contudo, mesmo após ter uma carreira estável e muito bem sucedida, *Hamilton* continua lutando e buscando direitos para as pessoas de classes baixas que enfrentam a dura realidade das ruas e de um sistema opressor e racista que mata todos os dias pessoas pretas.

Por fim, na imagem da figura 6, *Hamilton* está fazendo mais um manifesto em apoio ao movimento “*black lives matter*” após vencer o *GP* da Hungria, em 2020.

Figura 6: *Lewis Hamilton* ajoelha em protesto no pódio do GP da Hungria de 2020.



Fonte: *Mark Thompson/Getty Images* (2020). Disponível em:

<https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/02/16/hamilton-nao-teme-punicao-por-ativismo-na-f1-continuarei-falando.ghtml> . Acesso em: 11 de set. de 2025.

Quadro 8: Análise de Figura 6: *Lewis Hamilton* ajoelha em protesto no pódio do GP da Hungria de 2020

Tópicos de análise	Perspectiva de Peirce	Perspectiva de Greimas
1. Foco principal:	Produzindo o sentido de apoio ao movimento antirracista.	Na estrutura narrativa percebemos que a camiseta escrita (em tradução) “Vidas

		negras importam” produz uma busca por justiça.
2. Objeto de análise:	Signo: Hamilton ajoelhado como um ato de respeito, objeto: A camiseta do movimento antirracista “Black liver matter”, interpretante: A ideia de apoio ao movimento.	Oposições: Respeito vs. violação Funções: O piloto (Sujeito) busca justiça social (Objeto).
3. Unidade básica:	A camiseta (Representamen) remete a um movimento social (Objeto) e gera a ideia de ato simbólico de apoio (Interpretante).	<ul style="list-style-type: none"> ● Sujeito: O piloto (Lewis Hamilton). ● Objeto: Ato simbólico de apoio. ● Destinator: Seu apoio ao movimento Black Lives Matter. ● Destinatário: Pessoas da comunidade de pessoas pretas. ● Adjuvante: A mídia como auxílio. ● Oponente: FIA que estava tentando silenciá-lo.
4. Classificação:	Hamilton enquanto agente de mudança social (Ícone), ele é um homem preto lutando por representatividade para o movimento social (índice), a frase “vidas negras importam” (símbolo)	Em busca de visibilidade e apoio ao movimento social.
5. Aplicação à imagem:	1- Ele está ajoelhado: pedido de justiça (índice), 2- Camiseta: do	Funções: Hamilton é o sujeito. Apoio ao movimento é o

	movimento social antirracista (símbolo).	objeto. Apoio ao Black lives matter é o destinador. Pessoas pretas são os destinatários. A mídia como auxílio como o Adjuvante. A FIA está silenciando o apoio ao movimento é o Oponente. Tensões: A imagem resolve a tensão entre causar impacto com o ato simbólico vs. ser julgado por esse ato.
6. Tipo de leitura:	Estar ajoelhado significa: respeito ao movimento. A frase da camiseta significa: visibilidade ao movimento.	Hamilton é um agente de mudança social porque é um homem preto levando para dentro de um esporte elitista e branco o apoio a causas sociais.

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A imagem, anexada a uma reportagem divulgada no veículo GE, foi escrita pela redação do GE, em 2023, e intitulada de “*Hamilton* não teme punição por ativismo na F1: “Continuarei falando”. Essa imagem, de 2020, no GP da Hungria, ainda traz o contexto da pandemia do COVID-19.

Na imagem observa-se que após vencer a corrida, *Hamilton* está ajoelhado no pódio, com a camiseta do movimento “*black lives matter*”, usando máscara, com olhar sério e observador. Ao lado de *Hamilton*, vê-se o pódio com os três lugares e os troféus, no qual percebe-se o nome da *Fórmula 1 World Championship*.

Em entrevista, *Hamilton* exemplifica o pensamento de Peirce e Greimas quando fala “Isso não me surpreende, mas nada vai me impedir de falar das coisas que me movem e das questões que elas apresentam. O esporte tem a responsabilidade de, sempre, promover discussões e conscientização sobre tópicos importantes, particularmente enquanto continuarmos viajando para tantos lugares

diferentes. Então nada muda pra mim”, opinou *Hamilton*⁹. Significando e contando a história de que são temas que devem ser falados dentro de todas as esferas possíveis, para que todas as pessoas, independentemente de sua classe social, saibam o que, de fato, acontece no mundo.

⁹ Entrevista disponibilizada no GE. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/02/16/hamilton-nao-teme-punicao-por-ativismo-na-f1-continuarei-falando.ghtml> . Acesso em: 11 de set. de 2025.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado ao longo desta pesquisa, que visava analisar a comunicação ativista de *Lewis Hamilton* na *Fórmula 1* como uma prática educomunicativa para a promoção de debates sociais, este estudo procedeu à análise semiótica de seis imagens midiáticas do piloto em atos de protesto durante Grandes Prêmios realizados na Turquia, Toscana, Espanha, Catar, Londres e Hungria, entre 2020 e 2021. A investigação foi conduzida à luz dos fundamentos da semiótica geral de Charles Sanders Peirce (1839-1914) – para a decupagem dos signos e símbolos – e da semiótica discursiva e do modelo actancial de Algirdas Julien Greimas (1917-1992) – para a compreensão das estruturas narrativas de enfrentamento e solidariedade presentes na construção do discurso de *Hamilton*.

A análise permitiu constatar que o ativismo midiático de *Lewis Hamilton* funcionou como um potente vetor educomunicativo, ampliando para debates sobre movimentos sociais antirracistas e anti-LGBTQIAfóbicos em um ambiente historicamente elitizado e conservador. Evidenciou-se que a inserção forçada desses debates no universo da *Fórmula 1*, por meio de seus gestos, frases e símbolos, deslocou a percepção das classes hegemônicas que consomem o esporte, obrigando-as a confrontar narrativas de injustiça social.

Ademais, os resultados demonstraram, de maneira consistente, que a estratégia comunicativa de *Hamilton* alinha-se aos princípios da educomunicação, na medida em que ele não apenas veicula uma mensagem, mas constrói um processo de comunicação crítica com seu público. Esta constatação encontra apoio na teoria de Greimas, uma vez que o piloto se configura como um **sujeito** actante cujo **objeto** de valor é a justiça social, confrontando **oponentes** institucionais (como a FIA) e culturais (o racismo estrutural), com o apoio de **adjuvantes** (seus fãs e os movimentos sociais), num claro percurso narrativo de transformação.

Em resposta ao problema de pesquisa, que questionava como essa atuação funciona como uma prática educomunicativa de enfrentamento ao racismo e à elitização, conclui-se que *Hamilton* opera uma comunicação midiática eficaz. Seus atos simbólicos, transcendem a pista e geram um ecossistema de significação crítica que educa para a cidadania e contesta a neutralidade do esporte. Mesmo com a tentativa de silenciamento pela FIA, sua persistência em outras plataformas

(redes sociais, entrevistas) reafirma o caráter educomunicativo de seu projeto, que visa à formação de uma consciência crítica nos espectadores.

Considera-se, portanto, que as hipóteses iniciais deste trabalho foram confirmadas. O discurso social, semiótico e educomunicativo articulado por *Hamilton*, efetivamente provocou um abalo no âmbito da *Fórmula 1*, colocando em foco discussões e posicionamentos antes inexistentes no *paddock*. A principal contribuição desta pesquisa reside em oferecer uma base de leitura semiótico-educomunicativa para o fenômeno, demonstrando como a comunicação esportiva de alto rendimento pode ser ressignificada como um instrumento de discursos narrativos contra a hegemonia de uma visão de mundo branca e elitista.

É importante reconhecer, contudo, as limitações inerentes a este estudo. O corpus delimitado a seis imagens, ainda que significativo, é o recorte temporal concentrado no biênio 2020-2021, restringindo a abrangência da análise, impedindo observações mais amplas sobre a totalidade da trajetória ativista do piloto.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras possam ampliar o corpus analítico, incluindo um número maior de imagens, *posts* das redes sociais do piloto e matérias jornalísticas sobre seus atos para analisar a recepção desse discurso, investigando comentários do público em redes sociais e fóruns especializados para observar o impacto e a negociação de sentidos junto à audiência. Além disso, podem ser realizados estudos de caso aprofundados sobre o impacto tangível das ações do piloto supracitado em causas específicas, como a pressão por justiça no caso de *Breonna Taylor* ou para a aquisição dos direitos da comunidade LGBTQIA+ no Catar, buscando conexões entre seu ativismo midiático e desdobramentos políticos ou sociais concretos. Tais investigações permitiriam aprofundar e dimensionar com maior precisão o entendimento sobre como a práxis educomunicativa de *Lewis Hamilton* solidifica um novo paradigma para a figura do atleta midiático como agente de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. B. C. ANDRELO, R., e CERIGATTO, M. P. Educomunicação no Espaço da Educação Formal: atividades interdisciplinares. In: ARANHA, S. D. G., and SOUZA, F. M. **Práticas de ensino e tecnologias digitais**. Campina Grande: EDUEPB, 2018, pp. 277-317. (Coleção Ensino e aprendizagem, v. 3.)

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: EDUFCG, 2024.

APARICI, Roberto (Org.). A Educomunicação na América Latina: apontamentos para uma história em construção. In: APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 7-27.

BAND. **Binotto revela motivo para ter contratado Gabriel Bortoleto**. Band UOL, 2023. Disponível em: <
<https://www.band.uol.com.br/esportes/automobilismo/formula-1/noticias/binotto-revela-motivo-para-ter-contratado-gabriel-bortoleto-202503051930> >. Acesso em: 17 de março de 2025.

BAND. Veja 4 vezes em que Lewis Hamilton mostrou seu lado ativista em 2021. Band. Disponível em:
<https://www.band.com.br/esportes/hamilton-ativista-manifestacao-politica-social-16465185>. Acesso em: 21 de junho de 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BEVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**, 30(109), 2009, p.1081-1102.

BLOG-FORMULA1. **Sejamos como olho de tigre**. Blog Formula1, 2022. Disponível em: <https://blog-formula1.com/2022/07/29/sejamos-como-olho-de-tigre/>. Acesso em: 3 de julho de 2025.

BRASIL Emanuelle. **CÂMARA concede título de cidadão honorário a Lewis Hamilton. Câmara dos Deputados**, Brasília, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/917486-camara-concede-titulo-de-cidadao-honorario-a-lewis-hamilton/> >. Acesso em: 17 de março de 2025.

CITELLI, Adilson. **Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midiáticos**. São Paulo, Revistas USP. ed. 3. Nov, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37653/40367> >. Acesso em: 17 de ago. de 2025.

COMBARI Emanuel, TASSI Thiago, BATISTA Vinícius. **HAMILTON manda recado para Senna após pilotar McLaren de 1990; veja vídeo**. Band, 3 nov. 2024. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/esportes/automobilismo/formula-1/noticias/hamilton-manda-recado-para-senna-apos-pilotar-mclaren-de-1990-veja-video-202411031108> >. Acesso em: 17 de março de 2025.

COSTA, Maria Eliete da. **Bolsonaro e Lula em capas da Revista Veja: um estudo semiótico**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Educomunicação). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2024.

COSTA, Max; DIAS, André. **Semiótica e produção de sentido: comunicação, cultura e arte**. Curitiba: Intersaberes. 2019.

CULT, Revista. **Entrevista com Cida Bento: O pacto da branquitude e a manutenção dos privilégios raciais**. Revista Cult, São Paulo, ed. 280, p. 20-25, set. 2022. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-cida-bento/>. Acesso em: 02 de ago. de 2025.

DELIBERADOR, L.M.Y. **A Comunicação Comunitária, Mídia-Educação e Cidadania**. In: FAN-TIN, M. e RIVOLTELLA, P.(org). Cultura Digital e Escola, pesquisa e formação de professores.Campinas, SP: Papirus, 2012. p.283/308.

DIOGO, Maria Fernanda. **Diálogos interdisciplinares em Psicologia e Educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

DUARTE, Orlando. **A História dos Esportes**. Editora Senac São Paulo; 6ª edição, 12 março de 2019.

EMERIM, Cárilda. **Pesquisa em Telejornalismo: resultados e experiências**. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2011.

EMIREM, Cárilda. **Telejornalismo em questão**. Cap: Telejornalismo e Semiótica Discursiva. Florianópolis: Insular. v. 1, pp. 93-119, 2014. Disponível em: < https://scholar.google.com/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=RmmbD68AAAAJ&citation_for_view=RmmbD68AAAAJ:ufrVoPGSRksC >. Acesso em: 11 de ago. de 2025.

ESPORTELÂNDIA. **Lewis Hamilton: trajetória, títulos e curiosidades**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/automobilismo/lewis-hamilton/> . Acesso em: 25 de março de 2025.

F1: pilotos podem perder posição no campeonato por ativismo. Ge.globo, Rio de Janeiro, 20 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/02/20/f1-pilotos-podem-perder-posicao-no-campeonato-por-ativismo.ghtml>. Acesso em: 02 de ago. de 2025.

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da Educação Midiática**. São Paulo, SP: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia> . Acesso em: 18 de março de 2025.

FIA não é 'plataforma de agenda pessoal' dos pilotos, diz presidente. Ge.globo, Rio de Janeiro, 10 jan. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/01/10/fia-nao-e-plataforma-de-agenda-pessoal-dos-pilotos-diz-presidente.ghtml>. Acesso em: 02 de ago. de 2025.

FIA. **Federação Internacional do Automobilismo**. Disponível em: <https://www.fia.com>. Acesso em: 17 de março de 2025.

FÓRMULA 1. **Site oficial da Fórmula 1**. Disponível em: <https://www.formula1.com>. Acesso em: 17 de março de 2025.

GLOBO ESPORTE. **Hamilton conciliou disputa intensa por título na F1 em 2021 com ativismo**. GE.globo, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/hamilton-conciliou-disputa-intensa-por-titulo-na-f1-em-2021-com-ativismo.ghtml>. Acesso em: 3 de julho de 2025.

GLOBO ESPORTE. **Hamilton não teme punição por ativismo na F1: "Continuarei falando"**. GE.globo, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2023/02/16/hamilton-nao-teme-punicao-por-ativismo-na-f1-continuarei-falando.ghtml>. Acesso em: 3 jul. 2025.

GLOBO ESPORTE. **Lewis Hamilton lembra falta de apoio no início da carreira: "Volte para o seu país"**. [s.d.]. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/lewis-hamilton-lembra-falta-de-apoio-no-inicio-da-carreira-volte-para-o-seu-pais.ghtml>. Acesso em: 25 de março de 2025.

GQ BRASIL. Lewis Hamilton, o ativista: 5 manifestações políticas e sociais do maior piloto da F1. GQ, 2021. Disponível em: <https://gq.globo.com/Esporte/noticia/2021/04/lewis-hamilton-o-ativista-5-manifestacoes-politicas-e-sociais-do-maior-piloto-da-f-1.html>. Acesso em: 21 de junho de 2025.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural: pesquisa de método**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique Structurale**. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica do discurso científico e da modalidade**. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, 1976.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTAGRAM. [Postagem sobre Lewis Hamilton]. Instagram, [s.d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWd0FNWJnGE/>. Acesso em: 21 de junho de 2025.

LEDUR, Rejane Reckziegel; LERM, Ruth Rejane Perleberg. **Semiótica e ensino de artes visuais**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 8-14, jan./abr. 2018. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/82456> >. Acesso em: 11 de ago. de 2025.

MÍDIA NINJA. **O LEGADO de Ayrton Senna e sua presença na temporada de 2024 na Fórmula 1**. Paraíba, 7 jun. 2024. Disponível em: <<https://midianinja.org/o-legado-de-ayrton-senna-e-sua-presenca-na-temporada-de-2024-na-formula-1/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

MORETZSOHN, S. D. “Uma legião de imbecis”: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária | “A legion of imbeciles”: hyperinformation, alienation, and the fetishism of libertarian technology. Liinc em Revista, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4088. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4088>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MOTOR SPORT MAGAZINE. **Motor Sport Magazine**. Disponível em: <<https://www.motorsportmagazine.com>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

NETSHOES. **Quem é Lewis Hamilton?**. Blog Netshoes, [s.d.]. Disponível em: <https://www.netshoes.com.br/blog/esportes/post/quem-e-lewis-hamilton> . Acesso em: 25 de março de 2025.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 1996.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Pierce**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 1995.

OCHS, Mariana. **MídiaMakers Papers #1: Introdução à educação midiática - 2a edição**, abril 2019.

OCHS, Mariana. **MídiaMakers Papers #2: Educação para informação**, maio 2019.

OLIVEIRA, Thayná Rafaela. **EDUCOMUNICAÇÃO, DESENHO ANIMADO E PÚBLICO INFANTIL: Análise e Sugestão para a Alfabetização Midiática na infância**. 2021. 272 p.

PEREIRA, Antonia Alves. **A Educomunicação e a Cultura Escolar Salesiana: A trajetória da construção de um referencial educ comunicativo para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro**. São Paulo, 2012. 292 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

PRIMEIROS NEGROS. Lewis Hamilton, primeiro, único e o maior na Fórmula 1. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/pioneirismos-primeiro-e-unico-na-formula-1/>. Acesso em: 21 de junho de 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Rowling, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997 - 9. reimpressão, 2015.

SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. São Paulo: Record, 2006.

SILVA, Alexandre Rocha da. [et al.]. **Semiótica crítica e as materialidades da comunicação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 278 p. : pdf. Disponível em: <file:///C:/Users/webma/Downloads/Semiotica_critica_e_as_materialidades_da.pdf>. Acesso em: 11 de jul. de 2025.

SOARES, I. O. **Educomunicação: um campo de mediações**. In. CITELLI, O. C., COSTA, M. C. C. C. (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. – São Paulo: Paulinas, 2011b.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação**. *Revistas USP*, São Paulo, v. XIX, n. 2, p. 15-26, julh/dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468>. Acesso em: 20 de março de 2025.

SOARES, Ismar Oliveira. **Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação** (Editora Paulinas). *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014c.

SOBRINO, R. D.; PALACIOS, M. E. **Deporte y activismo social: el caso de Lewis Hamilton en la Fórmula 1**. *Revista Universitaria de la Educación Física y el Deporte*, Argentina, v. 15, n. 1, p. 153-168, 2022. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1853-99122022000100153&script=sci_art_text. Acesso em: 21 de junho de 2025.

TERRA. **Os protestos de Lewis Hamilton na F1 realmente fazem alguma diferença?** Terra, 2021. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/esportes/automobilismo/formula1/os-protestos-de-lewis-hamilton-na-f1-realmente-fazem-alguma-diferenca.987de62d8dcbc2ad246ff5b7b09bfcbb6x2zp7is.html>. Acesso em: 3 de julho de 2025.

VAN DUNEM, Francisca. **A maior expressão de preconceito racial consiste na negação desse preconceito.** Público, 2019. Disponível em: <

<https://www.publico.pt/2019/07/09/sociedade/opiniao/francisca-van-dunem-maior-expressao-preconceito-racial-consiste-negacao-preconceito-1879342>>. Acesso em: 20 de março de 2025.